Recepção de novos sócios

- I -

Dom Antônio de Almeida Lustosa

Discurso do DR. ANDRADE FURTADO

No "Instituto do Ceará", onde se celebram tantos acontecimentos notáveis, em mais de meio século de vida opulenta e florescente, nunca houve, por certo, solenidade de maior refulgência do que esta... Abrimos as nossas portas, de par em par, afim de receber o Príncipe da Igreja Metropolitana!

A honra que a encorporação de S. Excia. ao nosso quadro efetivo nos prodigaliza constitui justo título de enaltecimento do nosso patrimônio cultural.

O prestígio do Barão de Studart, que durante longos anos dirigiu os trabalhos desta casa, irradiando sôbre todo o país, até no estrangeiro, os fulgores da Terra da Luz, ainda, como fogo sagrado, arde na pira das nossas recordações mais caras...

A presença, agora, de Dom Antônio de Almeida Lustosa, em nosso meio, empresta a êste ambiente um cunho de elevação e responsabilidade que a todos nos sensibiliza e dignifica. É que o eminente Prelado, lídima glória das letras nacionais, conduz para o cenário das nossas aturadas perquirições o brilho da sua projeção no mundo do pensamento.

Realmente, o dignitário que aqui vamos ter por companheiro é um purista da língua, prosador de largo e longo hausto. Os excertos da sua lavra que figuram nas crestomatias são modêlo de elegância e bom dizer. A um só tempo, exaltam as credenciais da literatura e os esplendores da verdade cristã.

O primeiro contacto travado entre nós e Dom Antônio de Almeida Lustosa foi através do jornal católico de Be-

lém. Líamos na "Palavra", com enlêvo e curiosidade, as notas originalíssimas, que então escrevia: "À margem da Visita Pastoral". Encantava-nos por igual a maneira simples de descrever e a observação da natureza exuberante daquelas paragens equatoriais ...

Os estudos sociológicos, as apostilas ao **folk-lore** e à corografia, os comentários de fina penetração nos domínios dos conhecimentos da Botânica, eram páginas de sabor delicioso para nosso entusiasmo patriótico pela valorização de tudo o que é legìtimamente brasileiro.

Não resistimos ao desejo de documentar o que aqui estamos afirmando. Queremos referir, ao acaso, um trecho qualquer destas observações, enfeixadas, mais tarde, em três tomos substanciosos e de pequeno porte, como os vasos em que se guardam as raras essências. Vejamos êste cromo:

«Nas praias mais desertas, quando uma camada de lama substitui a areia ou se cobre de vegetação característica dos terrenos banhados pelas grandes marés salgadas, fervilham os caranguejos, os siris, as aratus, os maraganins, guaiás e sararás.

Dá-se, então, a cena interessante da afluência de várias aves, apenas se retira a maré. Entre elas distingue-se francamente o guará. Sua rica plumagem flamejante faz dêle um magnífico ornato dessas praias. Quando novo, é êle negro, mas correm os anos e o carvão se faz brasa viva. Quando a aurora rubra sucede às trevas da noite, recorda a transição das côres do guará ... Nem são deselegantes as suas linhas. Lembra a garça esbelta. Contudo, o que nele é mais atraente sem dúvida é o vivo colorido da indumentária natural.

Afirmam-nos que o guará é perfeitamente domesticável, mas, longe das suas praias povoadas de maraguanins, desbota-se-lhe o encarnado da plumagem e fica cor-de-rosa. Efeito da nostalgia? Já eu tinha ouvido dizer que para certo povo oriental a cor do luto é o amarelo. Nunca supús que o cor-de-rosa pudesse ser cor de luto ...»

Com esta simplicidade e leveza de estilo, focaliza os retábulos poéticos daquele mundo em formação. A gente lê e não cansa, sentindo um gôso especial na verificação, a cada passo, de uma peculiariade daquelas regiões exuberantes, tão bem descritas pela pena mágica dêste consumado paisagista.

No gênero de piedade, "Meu livro inseparável" representa um relicário de pérolas preciosas. A cada meditação, segue-se um exemplo. Com que cuidado examina e realça casos edificantes, que possam influir no revigoramento da vir-

tude e na ilustração da sabedoria, por excelência, que é a de se conhecer a si mesmo, como criatura de Deus!

"Solilóquios Infantis", volume de quase tresentas páginas contendo expansões de amor ao pé do Tabernáculo, é uma coletânea de reflexões inimitáveis, pela elevação e pureza de sentimentos.

Até os indiferentes por tudo o que se relaciona com assuntos religiosos, lendo aquelas manifestações de carinho para com o Divino Encarcerado do Sacrário, sentem o espírito arrebatado às alturas do misticismo mais salutar e consolador. Não encontraria, quiçá, comparação adequada para tão tocantes provas de afeto a Nosso Senhor senão nos eflúvios da suavidade de São Francisco de Sales, o patrono da Ordem, em que ingressou, na juventude, o desprendido levita que hoje ostenta ao peito a cruz distintiva da plenitude do sacerdócio. Queremos demonstrar como é, realmente, emocionante aquela maneira de falar com o Rei do Amor:

« Não são elos materiais os que Vos cativam... As cadeias de um amor imenso é o que vos vinculam à terra. Ó algemas que um Deus não sabe romper! Acorrentado à terra por amor dos homens, Vós sois, Prisioneiro Divino, o libertador do coração humano, sempre escravo da matéria. Dai-me, Senhor, dai-me a alforria santa! Meu pobre coração, fazei-o liberto! Vosso imenso amor por nós vos tornou cativo; nosso mesquinho amor por Vós nos torna livres ».

Com que amenidade e ternura se dirige ao Coração Eucarístico! « A nuvem que vos roubou aos olhos dos vossos discípulos, quando ao céu subîstes era talvez branca como a Hóstia Santa. Mas não foi outra a muralha que se interpôs entre vós e êles. O sol se eclipsa nas sombras e vós na brancura. Ah! Senhor! por que não esgarçais essas cortinas tão espessas na sua sutileza, tão negras em sua alvura, tão cruéis em sua inocência ».

Êstes tópicos recolhidos a esmo patenteiam a espontaneidade enternecedora de tão magníficas ascenções dalma.

A edição da sua biografia de Dom Macedo Costa despertou, neste sodalício, onde se cultiva com afêrro o estudo da História Pátria, a mais franca admiração e simpatia. É um trabalho de fôlego, documentado e sólido, — quase seiscentas páginas dedicadas à memória do preclaro vulto do Episcopado Nacional que, pela intrepidez, pelo talento e pelo saber, tão alto fez subir a honra do Brasil. Depois de meio século do seu desaparecimento, o ínclito bispo do Pará teve, no seu então sucessor no sólio da sé episcopal de Belém, o fidelíssimo e eloqüente biógrafo, que, só por êste assinalado empre-

endimento, bem merecia a homenagem de ser eleito, por consenso unânime, para o instituto de consagração dos nossos valores históricos.

O panorama social daquela êpoca foi examinado pelo fino estilista e psicólogo com a nitidez e perspicácia dos experientes caçadores de pedras nos balseiros das torrentes turvas e agitadas do tempo em que se desenrolou a chamada "Questão Religiosa".

O campo de ação do Prelado, de que magistralmente traça o perfil, é muito mais intrincado e agreste do que hoje... Ao chegar à sua diocese, Dom Macedo Costa sentiu o contacto da grandeza majestática da Amazônia.

Na expressão precisa de Dom Antônio de Almeida Lustosa, sòmente quem mergulha naquela imensidade pode compreendê-la de alguma sorte. Por descrição apenas não é possível!

Acompanhando-o no esbôço daquele teatro portentoso, onde a mão de Deus se esmerou enquanto quis, bem sentimos que as suas palavras se aplicam primorosamente às próprias emoções experimentadas, ao assumir, tantos anos mais tarde, o mesmo pôsto de glorificação e sacrifício...

«A alma do jovem bispo — diz Dom Antônio de Almeida Lustosa do seu conspícuo atecessor, como que traçando a sua própria situação — a alma do jovem bispo, que era a um tempo alma de poeta, de estudioso, de asceta e de artista, sentiu-se com certeza empolgada pela natureza grandiosa que o cercava».

Realmente, meus senhores, da árdua e possante tarefa de exalçar D. Macedo Costa à altura dos seus merecimentos, só um espírito da mesma envergadura e formação seria capaz!

Dom Antônio de Almeida Lustosa foi, evidentemente, o escritor sugerido pela Providência para a excelsa emprêsa. Êle, que levou para a mesma arena excepcional a sua mocidade entusiasta das conquistas de fiéis para o reino do Senhor e que possui o temperamento de um esteta, a inteligência devotada aos labores da ciência, o coração incendido no zêlo da perfeição cristã.

Trilhou os mesmos passos, com a mesma galhardia, enchendo de edificação e espanto aquêles que guardavam as reminiscências do seu saudoso predecessor.

Dom Macedo Costa distribuia esmola e consôlo aos pobres lázaros do Hospital de Tocunduba... Êste apostolado de comovente caridade evangélica foi seguido de maneira emocionante pelo seu biógrafo e mantenedor das tradições de

abnegação e generosidade, com que tanto distinguiu, no seio do seu povo, o munus pastoral. Tivemos a fortuna de visitar o Pará quando o atual Antístite de Fortaleza dirigia aquela sede arquiepiscopal do extremo norte. Nos dezesseis breves dias que ali demorámos, convivendo com elementos de escol do meio guajarino, de certo modo pudemos medir o extraordinário valor do titular da Igreja que então sustinha nas mãos ungidas o báculo empunhado por Dom Frei Caetano Brandão.

A sua influência era reconhecida e proclamada, indistintamente, por pessoas de tôdas as classes e categorias.

Falava-se com respeito e admiração do esfôrço infatigável que dispendia no ministério do Bem. As penosas excursões através do interior, para atender às populações abandonadas de quaisquer socorros, constituiam motivo de estupefação. É que expunha a própria vida, à mercê de mil perigos, penetrando com freqüência a floresta inhóspita e insalubre.

Onde houvesse um núcleo habitado aí chegava, um belo dia, o Pegureiro de Cristo, à procura de dar lenitivo e confôrto às suas ovelhas...

Não é difícil suspeitar que a temeridade dessas viagens continuadas, em zonas paludosas, ocasionaria o esgotamento das suas forças físicas.

A saúde abalada exigia mudança de clima. Dom Antônio de Almeida Lustosa, a conselho médico, procurou as plagas cearenses para curar-se da enfermidade que o abatia.

Aqui permaneceu, por desígnio do Alto, para conhecer de perto o futuro domínio das suas preocupações ministeriais. De fato, conduziu-o, pouco depois, o Senhor da messe para esta mimosa seara, onde se fazia mistér um segador exímio, afim de cuidar do trigal viçoso e lourenjante que Dom Manuel da Silva Gomes aqui plantara durante trinta anos de amanho contínuo e benfazejo.

O Enviado de Deus ao povo missionário, como nos chamou S. Excia., ao pisar a terra que ora evangeliza pela palavra e pelo exemplo, é bem merecedor da estima carinhosa e espontânea da sua grei. Em pouco tempo, temo-lo integrado no nosso afeto, no palpitante sentimento da gratidão que lhe devemos. Quem leu a Carta Pastoral de Dom Antônio de Almeida Lustosa sôbre a sêca de 1942 logo percebe não haver exagêro no que afirmamos. Trata-se, com efeito, de um documento que fotografa, para assim dizer, os aspectos da realidade nordestina. É um depoimento definitivo e imperecível sôbre as condições existenciais desta parcela de nosso território sujeito à acabrunhante hecatombe das crises climáticas periódicas.

Divulgada nas outras unidades do país, tornará conhecido, num instantâneo incisivo, o sofrimento desta raça aventurosa e estoica. A contribuição que prestou à solução do problema de assistência aos compatriotas dos nossos calcinados sertões, para entendimento lúcido da obrigação de os amparar nas fases calamitosas, é, sem dúvida alguma, serviço de solidariedade e de benemerência patriótica.

Assim compreendeu o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que, por nosso intermédio, combinou a publicação desta primorosa monografia em sua conceituada revista técnica, para maior divulgação de estudo tão veraz e tão útil.

Vejamos como se faz necessário que se leia, nos pagos tranqüilos e abundantes por aí além, uma análise, como esta, da tenacidade de nossa gente:

«O amor que o cearense tem à lavoura é realmente impressionante. Quando as primeiras chuvas caem e dão esperança de continuar, o lavrador corre a semear o seu grão. Se perde esta semente, por que as chuvas não foram adiante, êle tenta segunda vez, quando voltar a chuva e com ela a esperança de inverno.

Malogrando-se de novo, dá-se a terceira, a quarta e, às vezes, a quinta tentativa. É comovente ver o caboclo, depois de três, quatro decepções, já reduzido à miséria, cambaleante de fome, reservar um pouco de feijão ou de milho, roubado ao seu estômago faminto, para confiá-lo à terra na esperança tão incerta de uma colheita».

Acrescenta o observador autorizado:

«Tem-se visto o cearense triunfar, pode-se dizer, em todos os setores da atividade humana. Lutando desde tenros anos, espectador constante do sofrimento dos seus irmãos, vítima êle próprio, muitas vezes, das tremendas e amiudadas crises do seu povo atingido pelos horrores da sêca — o filho desta terra se torna um forte.

É quanto basta para explicar o sucesso que tantas vezes tem coroado o trabalho cearense noutros Estados do Brasil».

Conclui Dom Antônio Lustosa:

«Um povo que se criou nas provações, que muitas vezes enfrentou a luta pela vida, totalmente desaparelhado, êsse povo é capaz de heroismos que pratica, de fato, com a maior simplicidade»...

Com que expressões de intensa sensibilidade relata o emérito Prelado a tragédia do horrendo cataclismo:

«É um martírio coletivo longo e variado. É a fome,

a humilhação, a doença, a dúvida cruciante, as dôres físicas e as apreensões do espírito. É um mosaico variadíssimo de sofrimentos indescritíveis uns, sem nome outros. É um cruzamento de lâminas cortantes que retalham a alma do pobre sertanejo. É um mar de angústia, cujas praias o filho do nosso povo perde de vista e no qual sossobra muita vez».

Aí está desenhado de maneira impressionante, por pincel de mestre, o triste quadro do bravo, que se vê envolvido pelo rijo tufão da adversidade, num solo comburido, a lutar com a desgraça implacável, desarmado e só!

O que mais nos admira em Dom Antônio de Almeida Lustosa é o poder de adaptação ao meio onde exerça o seu divino ministério. Vindo das sobranceiras montanhas de Minas para as florestas tropicais do Amazonas, tão bem se afez ao proscênio grandioso e sem par que, em breve, doutrinava de cátedra sôbre os hábitos e particularidades daquela porção virgem do nosso Continente. É hoje um dos autores abalisados, comparável a Raimundo Morais no conhecimento minucioso dos usos e modismos daquela região tão rica quão pouco explorada. Chegando ao solo tórrido do Ceará, onde o homem vive de luta aberta com a agressividade dos elementos, ao escrever o panegírico da epopéia da nossa gente, na Pastoral já referida, sôbre a calamidade catastrófica, que foi a derradeira sêca, deu-nos um estudo completo, revelando competência surpreendente nas questões relacionadas com o gravíssimo problema da salvação do Nordeste. A nossa palavra humilde é, neste ponto, corroborada pela opinião do ilustre Presidente do "Instituto", dr. Tomaz Pompeu Sobrinho.

O competente engenheiro, como todos sabemos, é um veterano no exame aturado dos fenômenos climáticos e dos processos para os corrigir. Êle nos disse, despretenciosamente, em palestra íntima, confirmando o nosso justificado encantamento, que Dom Antônio de Almeida Lustosa mostrava-se capacitado nas dificuldades que precisamos enfrentar e combater, como se de há muito permanecera entre nós, convivendo com êste povo sujeito secularmente ao suplício das irregularidades pluviométricas.

É êste dom de ver as cousas com clareza, em suas reais proporções, que aumenta o mérito do nosso ínclito colega.

Sr. Dom Antônio, permiti que, já agora, vos chamemos assim, para honra dos créditos desta instituição. Mais justo fôra, por certo, exalçar a vossa condição de plenipotenciário da Igreja Cearense. Membro do Episcopado Brasileiro, a vossa figura se projeta na grandeza do nosso cenário men-

tal, confundindo-se com a dos maiores expoentes da História Eclesiástica do país.

Não havia necessidade de entrar para êste conclave científico, se olhásseis, apenas, o lado utilitário dos interêsses humanos. Mais alto, bem mais alto do que o trabalho de uma sociedade de estudos, como esta, a que vindes iluminar, é o tirocínio fecundo e magnânimo de uma existência consagrada ao proveito do próximo, ao trabalho infatigável em prol da Religião e da Pátria.

Tão nobremente vos tendes dedicado à celsa vocação que abraçastes, a ponto de o vosso exemplo, só por si, representar autêntico apostolado. Disse um apologeta patrício que o céu sobrenatural estampa-se numa alma pura, como o céu natural na face de um lago límpido e tranqüilo... Deus nos deu, nesta terra sofredora, o chefe espiritual de que carecemos! A verdadeira piedade, na interpretação de escritor contemporâneo, estende-se a tudo que existe: — não abandona um animal que padece, não deixa morrer de sêde uma planta... Sentimos esta delicadeza da vossa solicitude pelo rebanho que a Providência vos confiou.

Quem lê a vossa secção diária, no jornal "O Nordeste" de Fortaleza, aprende exemplar lição de excelcitude dos predicamentos morais. "Abraçando a Cruz" — são iluminuras de psicologia evangélica em que se refletem, lidimamente, as mais encantadoras virtudes do coração. Vê-se naqueles capítulos sucessivos do que poderíamos chamar — a pedagogia da Dôr — o ensinamento eficaz de que os reveses inesperados, a desgraça injusta dão ao homem uma energia, um vigor, uma perseverança que êle, por ventura, não encontraria nunca na felicidade. Caiu-nos sob os olhos um fragmento de Dumas, com esta ponderação atrevida: «Quantos que se transformam em homens superiores depois de terem scfrido, se tivessem sido sempre felizes, não teriam passado de criaturas vulgares... »

Há certo episódio num romance moderno que confirma a teoria da necessidade de sofrer, de tal modo que, quem não padece, como diz o poeta, inventa as penas em que vive... Vejamos o caso. A mãe explica ao médico o estado psíquico da filha enferma. Êle admirado indaga: Mas a menina não é tão feliz? — Sim, doutor, respondeu a rica dama em lágrimas: — É feliz, mas não sabe que é...

Quanta gente, por aí afora, só sabe que foi feliz, depois que a felicidade partiu!...

Dom Antônio Lustosa, na sua colaboração cotidiana na folha citadina, tem feito descobrir a tantos leitores as ri-

quezas ignoradas, que se extraem da mina do sofrimento... As consolações são alegrias. Por isso Dom Antônio Lustosa é um semeador, através dos seus artigos, do sadio e bom humorismo dos santos. Tem apontado aos que não sabem decifrar a esfinge do prazer que a prece é a escada misteriosa de Jacó: — Por ela, na comparação de Machado de Assiz, sobem os pensamentos ao céu; por ela, descem à terra as inefáveis complacências divinas... Vemos, destarte, que traz para o "Instituto do Ceará" o evangelizador da doçura e da bondade uma resplandescência dos clarões das catedrais.

É que haverá agora, no laboratório das nossas pesquisas e investigações, uma intuição mais penetrante, a inteligência com que se examinam os fenômenos, sob o prisma da espiritualidade. A vossa sabedoria não se limita apenas à casca das coisas... É a ciência de Deus, que descerra os mistérios da vida perante a Eternidade!

Vindes ocupar a cadeira que o renome de Soares Bulcão patrocina com incontestável direito. Êle foi um cearense da velha estirpe, moldado no barro forte da Uruburetama... Enfrentou as tempestades políticas com a altivez dos píncaros da sua garbosa cidade serrana...

Lutou, por conta própria, vencendo as batalhas pelo crescimento do Brasil, na jornada acreana. Ligou por isso o nome a um lance histórico dos mais representativos do denôdo da raça. Depois cantou em versos lapidares êste pedaço amado da Pátria, que estremecia no imo do peito e por que era capaz de dar o sangue e a vida — a sua pinturesca aldeia nativa... Compôs o Hino do Arraial, com a flama de sua ardente inspiração:

« Criou-te Deus, entre virentes serras,
Refúgio amigo, onde reside a paz,
Deu-te os primores que em teu seio encerras,
Buscando glórias por longínquas terras
Andam teus filhos na conquista audaz. .
. . . . . .

Seja-te avêssa ou promissora a sorte
Nunca te deixes vacilar na fé...
Faze mais firme esta união, mais forte,
Entre teus filhos para a vida e a morte
E dentre as lutas surgirás de pé! »

Aí está refletido o desassombro dequele ânimo ousado, sem rodeios e sem medo. Magro, alto, espadaúdo, desafiava

os perigos na confiança da sua coragem, como um cavaleiro andante, que jurasse bater-se pelo seu ideal e «dentre as lutas», quer «seja avêssa ou promissora a sorte», nunca que deixa «vacilar a fé»...

Ao morrer, quis com a franqueza habitual preparar-se para comparecer ao tribunal de Deus. Os sacramentos da Igreja infundiram-lhe serenidade absoluta. Rompeu com todos os preconceitos, proclamando, pela atitude firme, que o cristão espera na estância final «refúgio amigo onde reside a paz».

Sucedeu a Soares Bulcão, na poltrona vaga, um jornalista de carreira trepidante e pena vibrátil, que, vindo de longe, do Estado da Bahia, aqui se integrou, de corpo e alma, nos labores e agitações da terra. Como que ainda se ouvem neste mesmo augusto recinto, os ecos da sua recepção. Delineia-se na retentiva da nossa memória o conspecto do novo consócio, lendo o seu discurso sôbre o passado glorioso desta companhia. Mal poderia supor que tão rápida fosse a sua passagem por êste caminho de varões ilustres.

Demócrito Rocha, recebido na última sessão festiva desta corporação, teve na oração de agradecimento o canto de cisne da sua vida literária.

Havendo liderado um movimento de idéias avançadas, deixou-se vencer, pouco e pouco, pelas influições benéficas da Fé.

Alguns mêses antes da partida para a grande viagem da Eternidade, reconciliou-se com o credo batismal, confiando ao sacerdote católico, as confidências e os anseios do seu coração.

A Providência Divina, na sua misericórdia infinita, não cortou o fio da sua existência, senão quando aceitou a bênção da reconciliação com o Bom Pastor, que, na parábola, abandona o aprisco em busca de uma única ovelha tresmalhada.

Êle deixou, portanto, aos continuadores da sua obra, que não queiram traí-lo, o testamento irremissível da sua adesão à Verdade!

Sr. Dom Antônio de Almeida Lustosa, a vossa eleição unânime para o posto que aqui, de ora em diante, ocupais, tem a subida significação do nosso maior apreço aos lauréis que cingem a vossa cabeça de servidor indefesso da causa nacional, onde quer que vos coloque a obediência às determinações do Vigário de Cristo.

Estivestes de início à frente da Diocese de Uberaba, nas risonhas veigas de Minas. Dali seguistes para o Bispado de Corumbá, nas fronteiras verdejantes de Mato Grosso.

Depois, elevado à sede metropolitana do Pará, duran-

te dez anos fostes o nume protetor daquelas populações dispersas entre matas colossais, à beira dos rios, lagos, furos, Igarapés ...

Dali viestes, por uma transferência bendita, à Arquidiocese de Fortaleza para ser o Anjo da Caridade desta grei, exposta, de época em época, aos rigores sem nome das estiadas e soalheiras, que crestam as águas nas fontes, mas não matam, aomo já vistes e tão bem o dissestes, a confiança do nosso povo na assistência do Alto. Que pare aqui, sr. D. António, a vossa romagem através da imensidão do nosso território ! Passais fazendo o bem, como Jesus — o vosso modêlo e vosso mestre ! Por isso mesmo, o Ceará, gleba martirizada e crente, tanto precisa dos cabedais da vossa Ciência e dos tesouros da vossa Virtude !

Discurso de DOM ANTÔNIO LUSTOSA

Exmo. Sr. Interventor Federal.

Exmos. Srs. Bispos de Sobral e Limoeiro do Norte.

Exmo. Sr. General Castelo Branco e demais autoridades.

Exmo. Sr. Presidente do Instituto do Ceará.

Meus Senhores.

Acho-me neste cenáculo intelectual um tanto desambientado. No pastoreio das almas devemos com frequência ocupar-nos dos pequeninos e dos humildes. Nas visitas pastorais, pelo interior da Arquidiocese, quase sempre estamos em contacto com as crianças e com os rudes. E, nesse meio, forçoso é que nos adaptemos á linguagem simples — a única compreendida pelos que vivem na zona rural. Nosso esfôrço, então, é evitar qualquer expressão fóra do alcance daquelas inteligências incultas. A linguagem, nem sempre castiça, mas que melhor se acomoda á inteligência sem amanho da gente simples, mas habituada a um fraseado de acomodação que naturalmente fere os ouvidos de puristas. Entretanto, no desempenho da nossa missão pastoral, temos de viver com o povo humilde e entender-nos com êle, sem preocupação literária. Contudo, nesse meio rústico, modesto, uma literatura "sui generis" pode ser objeto de interessante estudo. Tem-se observado que nosso caboclo tem grande habilidade para mecanica, aliás o mesmo se nota entre os índios. Os índios do Rio Negro são ótimos motoristas nas lanchas das missões. Por isso, muitas vezes, êle, o caboclo, nos surpreende com admiráveis expedientes para a solução de situações difíceis. Perde-se a peça de uma máquina, nosso mecanico sertanejo sabe supri-la com um pedaço de arame. Quebra-se um parafuso: um amarrilho qualquer lhe faz as vezes. Essa facilidade

em arranjar sucedaneos, em se valer de expedientes, tem ocasionado inconvenientes, é verdade, mas revela admirável inventiva e grande habilidade para soluções do momento. Em matéria de linguagem é a mesmíssima cousa. Em conjunturas difíceis, nosso caboclo humilde traduz seu pensamento de maneira surpreendente. Quantas vezes, o homem douto trabalha para encontrar uma fórmula, uma expressão exata e sintética, e apesar dos tratos que dá á mente, não é feliz, não se faz entender. O caboclo que não teme os galicismos, que não está preocupado com a colocação dos pronomes, lança mão do que tem na memória para vestir suas idéias. Se a roupagem é ou não da moda pouco importa, se é ou não elegante, se é ou não arcaica, se é ou não exótica, pouco se lhe dá; quer expressar seu pensamento. E êsse é o fim da linguagem.

Perguntei, por exemplo, a um caboclo qual era a côr desta faixa episcopal. Como se sabe, na linguagem das modistas tem grande importancia o nome das côres. Esta côr realmente é característica. Os franceses a denominam *violet dévéque;* os italianos a chamam *pavonazzo,* porque, realmente, há uns tons violáceos nas penas do pavão. Aquí no Brasil, dão a esta côr o nome de sulferino, nome que me parece impróprio, porque, se vem de sulfur, devia ser sulfurino e não sulferino; e impróprio também porque o enxôfre (sulfur), quando arde, tem a chama azulada e não violácea. Outros a chamam *salmon,* nome também impróprio porque a côr não corresponde bem e a palavra não é nossa. Modernamente o nome é *cyclamen,* denominação que, na França, têm as flores primuláceas. Ainda é impróprio o nome e tampouco é português.

Pois bem, recorri a um caboclo. "Diga-me você — de que côr é esta faixa?" e êle me respondeu sem demora: "Isso é côr de maravilha".

Aí está. Não podia ser mais exata a resposta. A maravilha flôr tem exatamente esta côr. É uma flor singela dos nossos prados. Há a maravilha *branca* e a maravilha desta côr. Em alguns lugares é mais conhecida pelo nome de bonina ou também de *bôa noite,* pois algumas espécies se abrem á noite, pelo que os botanicos lhe deram o nome de nictagínea. Mas, o nome que Lineu propôs coincide precisamente com o nosso de maravilha — chamou-a *Mirabiles.*

Pois, meus senhores, essa literatura humilde e rústica, que naturalmente cultivo, quase por dever de ofício, no pastoreio das almas, sente-se acanhada neste recinto de alta cultura.

Entretanto, sr. Presidente, foi tão generoso o convite do Instituto do Ceará, que apesar de tudo, julguei do meu dever corresponder á gentileza. E eis-me aquí.

O nome aureolado de Soares Bulcão, que de tanto brilho revestiu esta poltrona, que me é destinada, ser-me-á sempre um estímulo ao estudo das letras que com tanto carinho êle cultivou.

Foi um estudioso paciente dessa botanica complicada das árvores genealógicas. Entretanto os estudos históricos e as criações poéticas mereceram também as atenções de seu talento investigador e esclarecido.

Cumpre-me entretanto referir-me de modo particular ao meu antecessor imediato.

Tarefa bem difícil aliás a de dizer algo sôbre o ilustre membro desta casa há pouco arrebatado ao carinho dos seus amigos e de sua distinta família. A dificuldade, a que aludí, para me referir a Demócrito Rocha,

não nasce da falta de matéria para qualquer dissertação, mas sim da multiplicidade de produções que, em pouco tempo, veio á luz da publicidade, tôdas inspiradas na vida e nas obras do ilustre morto.

Realmente, quanta cousa já se disse e se publicou em Fortaleza sobretudo, mas também fora — a respeito de Demócrito Rocha, de sua obra literária. Quando êle baixou ao túmulo, uma floração literária abundante veio logo pôr em fóco o valor intelectual dêsse ornamento do nosso Instituto. Sua personalidade inconfundível foi objeto de estudos variados e muito interessantes.

Entretanto salientarei uma característica da pena erudita de Demócrito Rocha — o seu ascendente.

O homem vence na vida, ora por uma prerrogativa, ora por outra.

Mas é certo que o segrêdo do êxito, com frequência, depende só do fator — ascendente.

Muitas vezes queremos descobrir porque razão tal pessoa é acatada e obedecida e não logramos descobrir o elemento a que atribuir o poder da ascendência.

No caso, no seio da família, quantas vêzes entre os irmãos, um consegue sempre impor sua vontade. Êle diz sempre a última palavra. Nada se decide sem se ouvir a opinião do ditadorzinho.

E nem sempre, entre os irmãos, é êle o mais inteligente. Entretanto é incontestável o ascendente que exerce sôbre os irmãos, ainda quando mais velhos do que êle.

Nos internatos, entre os alunos da mesma classe, não é raro encontrar-se um que se imponha aos colegas. Nas questões, é êle o árbitro e suas decisões são irreformáveis. Que partido tomar nessa divergência que cindiu a classe em duas ou três fações? A palavra decisiva virá dêsse aluno que se impõe, e será acatada.

Ás vezes, nos mais verdes anos, já se acentua bem êsse caráter de superioridade, essa vocação de chefe, de orientador da massa.

Êsses generais "in herba" não sabem nem mesmo êles explicar o porque dêsse domínio que exercem sôbre seus companheiros. Fatores que concorrerão para isso naturalmente serão: a robustez, a agilidade, a voz, a prontidão nas deliberações, a superioridade de inteligência, etc.

Êsse fenômeno social se reproduz de modo talvez menos sensível, mais tarde, na idade madura.

O meio social das nossas grandes cidades é porém tão heterogêneo que a ação orientadora de um indivíduo é quase sempre neutralizadora.

Senhores. Demócrito Rocha foi, sem dúvida, um orientador. Êle venceu a impermeabilidade do nosso meio social, já bastante cosmopolita e entressachado de elementos estranhos e dividido por mil interesses diversos.

O escritor que consegue empolgar o seu meio intelectual nos nossos dias, a ponto de arrastar o pensamento da época na esteira da sua pena, pode estar certo de que tem méritos indiscutíveis.

Demócrito Rocha foi um guia. Era comum, em Fortaleza, discutirem-se os assuntos do dia precisamente no sentido em que o havia interpretado nosso escritor.

Ventila-se qualquer assunto. Que rumo tomariam as idéias? Qual será a direção das opiniões? Que conceito vai predominar? Demócrito

abordava o assunto. E o fazia com tanta segurança, mostrava-se tão bem enfronhado na questão, que imprimia logo um rumo bem definido ao pensamento: — formava-se a opinião.

Era de admirar, sobretudo, a policultura dessa pena ágil e douta. Assuntos diversíssimos eram tratados, com igual perícia, e com tal riqueza de dados informativos, que bem revelavam a erudição enciclopédica do escritor.

Tinha-se a impressão de que êle dispunha de uma coleção completa de informações sôbre os numerosos assuntos que abordava.

Teria êle talvez na sua mesa de trabalho, ao alcance da mão, um grande número de escaninhos, bem classificados, cada qual com dados estatísticos especiais, opiniões de maior pêso sôbre o assunto, leis, decretos, etc. É o que parece, pois de um dia para outro, entre numerosas ocupações, numa colaboração assídua, preparava artigos admiráveis, ricos de citações, reforçados com estatística especializada.

A não ser com êsse método, só se explicaria a fecundidade literária de Demócrito Rocha supondo que êsses escaninhos todos, êle os tivesse na cabeça. Realmente só uma memória de anjo poderia reter tantos algarismos, tantos nomes exóticos, tantas noções históricas, tantos pareceres e opiniões de celebridades, etc., etc.

Meus senhores, tenho grande prazer em prestar minha modesta homenagem ao meu ilustre antecessor. Sim; porque como bispo, devo-lhe um grande e precioso conforto. Não foi sem justíssimo alvorôço que vi êsse homem de talento voltar do seu caminho, e prostar-se aos pés de Deus, com tôda a sinceridade de sua grande alma. O Divino Mestre diz que o pastor mais se rejubila com a volta de uma ovelha tresmalhada do que com a perseverança das outras noventa e nove.

O Deus de verdade atraiu a sua grande inteligência que regressou ao aprisco da fé.

A Demócrito Rocha a homenagem mais sincera do seu humilde sucessor e grande admirador.

- II -

Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora

Discurso do Prof. JOAQUIM ALVES

Senhores.

Designado pelo INSTITUTO DO CEARÁ para receber seu novo sócio, Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, nome por muitos títulos ilustre, aceitei a designação dos meus consócios, como um dever a que não se pode fugir, pois não sendo orador, as minhas palavras não podem oferecer á seleta assistência que me ouve, nada de interessante, pois o homem que luta, na vida moderna pela subsistência, trabalha mentalmente com intensidade tal, que as idéias se sucedem na tela cerebral, sem o tempo

preciso para os retoques necessários á sua apresentação conveniente. Mesmo assim, aqui me encontro para desobrigar-me da tarefa que me foi imposta.

Meus senhores.

O Instituto do Ceará realiza no Estado uma das obras mais notáveis de reconstituição histórica. A sua finalidade, como organização cultural, compreende os setores da filosofia, das ciências e, em especial, da história e da geografia, disciplinas cujo estudo constitue um todo pela interdependência existente entre ambas, pelo valor que têm na interpretação dos fatos sociais.

Desde sua fundação que o Instituto vem sendo o centro de irradiação cultural do Estado, tomando a si a tarefa de reconstruir a História do Ceará dentro de uma orientação em que a coleta dos dados e a análise dos fatos históricos, atendem á moderna interpretação científica da História. É assim que o Instituto reuniu a mais completa coleção histórica do norte, sob a direção do Barão de Studart, que empregou grande parte da sua existência na obra que nos legou. Êsse patrimônio cultural não pertence exclusivamente ao Instituto, pertence a todos os brasileiros, estudiosos dos nossos problemas, que desejem entrar em contacto com a nossa organização e consultar o nosso documentário e as nossas publicações.

Realiza o Instituto do Ceará, presentemente, uma obra de gigantescas proporções, em que a vida do Ceará, sob os seus múltiplos aspectos, religioso, econômico, social, político e literário, seja reconstituída de modo que atenda ao nosso desenvolvimento cultural e corresponda ao movimento de igual proporção que se processa nos demais Estados.

Para a execução de tamanha tarefa, todos os seus sócios receberam a parte que têm de executar. É assim que dentro em breve, teremos a Proto-História do Ceará, trabalhada por Pompeu Sobrinho. E outros volumes aparecerão depois.

Para uma obra de tamanho vulto torna-se necessária a escolha dos seus arquitetos, dos seus artífices, seleção esta que deve ser rigorosa porquanto dos mesmos dependerão a perfeição e a fidelidade que se deseja.

São estas as razões por que, meus senhores, o Instituto vem escolhendo os seus elementos representativos entre os vultos de mais destaque da vida mental do Ceará, aquêles que devem preencher os claros abertos em seu quadro social.

Não é decorrido um mês, nesta mesma sala, era recebido com a devida solenidade, um dos notáveis membros do clero brasileiro, um dos mais destacados entre os nossos escritores, S. Excia. o Sr. Arcebispo Metropolitano, D. Antônio de Almeida Lustosa.

Hoje, reune-se o Instituto para receber outra figura não menos notável na vida intelectual cearense, cujo valor se estende aos demais Estados, como jornalista, sociólogo no bom sentido do vocábulo e homem de ciência, pela especialização que segue na vida.

Antes da apreciação que deverei fazer da obra científica e literária do Dr. Fernandes Távora, passarei, primeiramente, em revista os seus antecessores.

O primeiro ocupante da cadeira para que foi eleito, foi José Carva-

lho, representante da velha estirpe dos Alencares, radificados em Exú, Pernambuco e Crato, no Ceará. Pertencia José Carvalho ao último grupo. A sua vida foi toda uma luta de idealista. Estudioso dos nossos problemas históricos e sociais, escreveu o drama *D. Bárbara,* cuja repercussão no Brasil disse bem do seu valor. *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará* é a sua obra principal, em que faz um estudo dos dois grupos humanos que constituem os fundamentos da população da Amazônia.

A capacidade artística e intelectual do caboclo do Pará e do matuto nordestino, José Carvalho analisou com precisão e conhecimento, colhendo de um e de outro lendas e mitos, histórias e poesias de cantadores que vieram enriquecer o folclore nacional. José Carvalho viajou nos sertões do Ceará e no alto Amazonas, conheceu a raça a que pertence, com os seus defeitos e com as suas virtudes. Viu-a deslocada na região das florestas e dos rios colossais, compreendeu a diversidade do meio em que o matuto tinha de desenvolver a sua atividade, e assinalou a sua adaptação em o novo *habitat,* ao homem que vinha de uma região excessivamente sêca para outra excessivamente úmida. Tudo fez com elegancia e verve sadia, próprias aos intelectuais da sua estirpe.

Substituiu José Carvalho um dos moços de maior atividade intelectual que tenho conhecido, senhor de sólida cultura, o Dr. Djacir Menezes, cuja obra científica é um atestado do que pode realizar um homem de inteligência que tem vontade de trabalhar e vencer. Entre os seus trabalhos mais recentes contam-se *O Ouro e a Nova Concepção da Moeda* e *Lições de Direito Administrativo,* que constituiu um curso desta disciplina no DASP. Presentemente, exerce a cátedra de Economia Política na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio de Janeiro.

Djacir Menezes iniciou as suas atividades como Inspetor Regional do Ensino, transferindo-se para a cátedra de Psicologia da Escola Normal Justiniano de Serpa e, desta, para a Introdução á Ciência do Direito, tudo mediante concurso, em que saiu vencedor. No Rio, as suas atividades se desenvolvem no magistério e no jornalismo, continuando a trabalhar na feitura de outros volumes, tudo relacionado ás ciências da sua especialização. Entre os economistas do Brasil, é um dos destacados partidários da Economia Pura ou Matemática, constituindo o seu compêndio de Economia Política um dos poucos trabalhos escritos sôbre o assunto no Brasil. Entre nós, á sua capacidade de trabalho deve-se a Faculdade de Ciências Econômicas, estabelecimento de Ensino Superior, equiparado ao ensino federal, que vem prestando real serviço á mocidade cearense que desenvolve as suas atividades no comércio de nossa terra.

O Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora representa uma das velhas estirpes cearenses, que tem dotado o Ceará de grandes idealistas e de grandes homens de ação nos diversos setores da atividade humana.

Formado em medicina em 1902, a sua Tese, aprovada com distinção, versou um dos temas mais delicados para a época em que foi escrita — A TELEPATIA. A vida intelectual do Dr. Fernandes Távora subdivide-se em mais de um setor. Jornalista, analisa os fatos políticos e sociais do tempo, imprimindo, em tudo, o cunho de sua personalidade, em que a análise dos fatos constitue o fundamento da hora em que vive. A análise dos acontecimentos da política internacional, constitue páginas de psicologia social de grande profundeza, em que focaliza os múltiplos aspectos em que

se desenvolveu a Guerra de 1914. Como sociólogo apresenta um trabalho dos mais interessantes sôbre o Seringueiro.

A Tese do Dr. Fernandes Távora sôbre Telepatia, constituiu verdadeira revolução no mundo científico no comêço do século, quando a humanidade vinha saindo de um dos períodos em que o experimentalismo predominou em todos os setores. O século XIX primou pela experimentação, de modo que toda e qualquer manifestação em sentido contrário era condenada.

Todos os aspectos que os fenômenos telepáticos oferecem foram discutidos e comentados pelo Dr. Fernandes Távora em seu trabalho. Católico de tradicional família cearense, refutou os temas que então se ensaiavam no domínio do espiritismo, apoiando-se na obra que se generalizou, *O Fantasma dos vivos*, trabalho experimental em que foram refutadas as afirmações espiritistas.

Para o Dr. Fernandes Távora, "telepatia é a transmissão voluntária, ou inconciente, á distancia e seu intermediário apreciável, de um organismo a outro ou a muitos outros, da vontade, do pensamento, dos sentimentos e das sensações".

Todo o seu trabalho consistiu em provar o que escreveu inicialmente. O que realmente fez com documentação interessante.

O homem é naturalmente atraído para o estudo daquilo que está fora dos seus conhecimentos, na ansia de suspender as leis universais, nas suas manifestações mais íntimas. Êsse desejo de interpretar o segredo do Criador tem sido o movel de muitos estudos, de muitas experiências que, vezes por outras, resultam em descobertas de ordem científicas de profundas consequências na vida dos povos.

Colocado dentro do ambito traçado pela Fé, o Dr. Fernandes Távora objetivou na sua Tese demonstrar a carência de dados objetivos nos casos de Telepatia para que podessem ser incluidas entre as manifestações de um mundo extra-terreno. Os seus estudos figuram entre os primeiros realizados no Brasil e mereceram de Medeiros e Albuquerque uma crítica concienciosa e justa. Ocupou-se na época de sua publicação, escrevendo longo editorial, o "Jornal do Comércio" de Manaus, que destaca uma das afirmativas do autor, segundo a qual "a primeira conquista que está reservada á ciência nesta ordem de conhecimentos será a admissão da fôrça psiquica entre as outras modalidades da energia". Os seus conhecimentos estavam em dia com o que se passava na Europa, centro de irradiação cultural do século XIX.

Ao concluir a Tese, que mereceu aprovação distinta, escreveu que "enclausurando os fenômenos telepáticos no domínio da psico-física, cremos haver trilhado a verdadeira senda, satisfazendo, ao mesmo tempo, a razão e a ciência".

O desenvolvimento da ciência, o estudo das ondas hertezianas, da fotografia á distancia, foram etapas do progresso do domínio do éter, que vieram reforçar as opiniões do jovem médico de então.

Sob o mesmo assunto fez uma conferência na Casa Juvenal Galeno, intitulada *Fenômenos Metapsíquicos*. Interessante trabalho em que confirma a obra de Richet, assinalando entre os fenômenos que fogem á percepção da ciência oficial, o da previsão que julga muito mais importante do que o da telepatia.

"Nada há de provavel, nem mesmo de extranhável nessa corrida desenfreada do homem em busca de uma decifração para o grande enigma da vida e do seu destino", escreveu na referida conferência, justificando o interêsse despertado entre os estudiosos dos problemas psíquicos, pela Metapsíquica.

Estabelecendo a diferença entre o que se chama psíquico e o que se classifica como metapsíquico, usa as expressões de Richet dizendo que, no primeiro grupo, encontra-se tudo o que pode fazer uma inteligência humana, ao segundo pertence tudo o que uma inteligência humana, mesmo profunda e muito sutil, não pode fazer, concluindo por definir a Metapsíquica "a ciência que tem por objeto o estudo dos fenômenos mecanicos ou psicológicos, oriundos de fôrças que parecem inteligentes ou de poderes desconhecidos, latentes na inteligência humana.

A evolução da ciência psíquica, nos últimos decênios, procurou esclarecer muitos dos fenômenos pertencentes ao domínio da ciência de Richet, pela psicanálise outra fuga do homem, em procura da interpretação dos fenômenos que escapam á sua inteligência, pois, ao lado das verdades que encerram os ensinamentos de Freud, muitos erros grosseiros passam como verdades científicas.

Toda a conferência sôbre Metapsíquica ocupa-se dos fenômenos subjetivos, segundo a classificação de Richet, sendo a Telepatia o objeto dos estudos feitos pelo Dr. Fernandes Távora na sua palestra.

O que há de notável, nesses estudos de natureza especulativa, é o estilo fluente, elegante, claro, que atrai o leitor para a continuação da leitura, mesmo que seja neófito em tais assuntos.

Exercendo a medicina na Amazônia, teve o Dr. Fernandes Távora oportunidade de se ocupar, na imprensa, dos assuntos referentes á vida das populações da grande bacia, sendo *O Seringueiro,* conferência realizada no extinto Colégio Militar do Ceará, um dos trabalhos mais interessantes que se realizou entre nós, não só pela observação precisa, como pelas informações reais, colhidas no ambiente em que vivia o homem da seringueira.

Vejamos como êle narra o início da colonização da Amazônia, pelo nordestino:

"Data de 1878 o grande impulso, o verdadeiro surto da conquista do Deserto Verde, isto é, da expansão brasileira na Amazônia. A sêca, nosso eterno, duende, atirava ás orlas do oceano uma população miserável, batida por quantos infortúnios a mente humana pode conceber; uns verdadeiros sobejos da morte, torturados pela fome e pela sêde, duas grandes desgraças que só duas imensidades — o oceano e a Amazônia — poderiam aplacar. E para lá seguiram atulhados nos porões dos navios, sem o menor confôrto, sem a mínima assistência. Entretanto, não morreram; e, menos de trinta anos depois, os maltrapilhos, atirados á morte e ao esquecimento, ressurgiram senhores de quase um continente, que haviam conquistado, dilatando as fronteiras da pátria. De que modo o fizeram, como lá chegaram, ninguém o indagara".

Como se portaram os nossos homens na Amazônia narra o Dr. Fernandes Távora, fotografando o meio em que os viu e observou:

"Atirados ás margens do Solimões, desde Belém a Manaus, os desterrados contemplaram por pouco tempo aquelas paragens sem relêvo, onde a infindável monotonia das aguas e das matas lhes dava ainda a ilusão do

oceano e começaram a subir, enchendo, agora as toldas dos gaiolas que rumavam á foz dos grandes tributários. O Tapajós, o Xingú, o Javarí, o Japurá foram invadidos, penetrados, revolvidos, desbravados por êsses homens que tinham como único incentivo a sua vontade inflexível de vencer".

A posse da terra é contada com simplicidade tão característica entre os que sabem expressar o seu pensamento escrito:

"De espaço a espaço, nos barrancos mais altos, um pequeno e descurado cemitério, com suas cruzes desconjuntadas e quase afogadas na herva exhuberante, marca o derradeiro pouso de alguns mártires e o viajor vai reconstituindo na mente aquela *via crucis*, calçada de ossos, por onde passou envolta em seus farrapos uma civilização em marcha... Galgaram, assim afluentes e confluentes, numa escalada épica do desconhecido, perdendo-se na imensidade silente da terra ignota".

A história da conquista da Amazônia nunca foi contada com tanta simplicidade e de modo tão real como nessas páginas da conferência do Dr. Fernandes Távora.

A instalação na terra custou vidas sem conta, o que não impedia a marcha para diante.

Á medida que avançam diminuem os exploradores, abatidos pela moléstia, flexados pelos índios, ou cançados de infando lutar. Na desesperada luta, raros conseguiram avançar mais algumas praias, construir um itapiri e fincar no alto de um barranco bem visível, um grande marco de madeira toscamente lavrado, para afirmar, aos que viessem depois, a posse da terra que primeiro perlustraram. Era o que chamavam uma exploração".

A história do desbravamento da Amazônia não possue páginas mais vivas do que as que o Dr. Fernandes Távora descreveu. Elas dizem o que foi aquela marcha realizada há mais de meio século. Mãos mais vigorosas do que Euclides da Cunha escreveu, porque o seu autor sentiu a angústia dos seus patrícios na avançada para as terras do oeste peruano.

Homem de estudo, o Dr. Fernandes Távora não se limitou, após a sua formatura, a viver dentro do consultório. A sua inteligência exigia mais. Dedicou-se á especialização clínica e cirúrgica, fazendo viagens de estudo á Europa, onde esteve por mais de uma vez.

Dêste tempo são as suas observações a propósito da Grande Guerra, período em que esteve na Alemanha, tendo oportunidade de observar o sentimento germanico nos dias que antecederam a declaração da primeira guerra universal, após os acontecimentos de Ceravejo.

Vejamos como registou os acontecimentos em Berlim, quando foram divulgados, que deram lugar ao rompimento da França e da Inglaterra com a Alemanha:

"Quando findava a última hora da paz que a Chancelaria do Kaiser concedera á Europa, Berlim delirava, ouvindo as palavras solenes e fortes de Guilherme que afirmava compungido haverem-lhe os inimigos posto a espada na mão, bradava dramático e quase patético diante de uma muldão inumerável que rugia como o mar em fúria".

A grandiosidade do espetáculo militar na velha capital pan-germanista foi descrita pelo Dr. Fernandes Távora com a argúcia com que o seu espírito observador interpretou os sentimentos sociais do povo que se deslocava para um aniquilamento em massa:

"Num só dia Berlim oferece 80.000 voluntários e de todos os recantos da Alemanha irrompem as levas humanas que marcham por toda a parte sob o clamor das aclamações intermináveis. Durante 10 dias um turbilhão de homens e de canhões rolou sôbre a Alemanha; e com a precisão de uma equação matemática, a imensa e perfeitissima engrenagem, que é o exercito alemão, deslisou sem atritos nem delongas, de todos os quadrantes, rápida, firme, grandiosa, imponente como um grande mar de aço, cujas vagas cadenciadas e rítmicas iam quebrar-se, lentamente, nas fronteiras inimigas.

"Os trens rolavam dia e noite, imensos, ininterruptamente, engrinaldados, serenos, silenciosos, como se aqueles ramos verdes que se emergiam de suas portinholas fossem de oliveiras, o bíblico emblema da paz entre os homens. E quando os trens partiam, aquêles milhares de homens, no intuito certamente de afogar saudades que os pungiam e dôres que trituravam os corações amigos, na triste melopéia de um côro formidável, entoavam o seu hino nacional, cujos acentos guerreiros de outros tempos pareciam agora, notas fúnebres.

É uma página de psicologia social interessante, pelo flagrante que surpreende, pela concatenação dos fatos ligados á psicologia de um povo que sente a atração irresistível pela guerra, desde os tempos de César, que assinalou o seu destemor.

A guerra de 1914 surpreendeu as gerações de então, criando as disposições impostas pelos invasores da Alemanha, para as populações civis, verdadeiros casos internacionais que despertaram discussões entre os homens de pensamento, estadistas, políticos, e ocasionaram protestos junto aos países da triplice entente. A propósito dêsse momentoso problema das condições impostas pela guerra aos povos vencidos, teve o Dr. Fernandes Távora ocasião de escrever um trabalho sôbre as Razões da Alemanha, em que analisa os termos da explicação do ministro do exterior do Kaiser. E escrevia, então: "O Ministro, como os seus campatriotas, procura tudo explicar pelas necessidades militares, as únicas que os alemães julgam dignas de atenções, por considerá-las acima de todas as leis e óbices e a tudo devendo preterir".

As palavras do ilustre homem de letras enquadram-se perfeitamente á hora angustiosa que vivemos. Êle previu, em muitos aspectos, as condições que a paz iria criar, quando viu o modo como foram tratados os inimigos da humanidade, escrevendo, em janeiro de 1919: "que, cessada a luta, já se pode lobrigar os pontos negros que hão de ser, em dias não distantes, pesadas nuvens de uma nova tormenta".

Seria estender-me demais, se continuasse a apresentar nas suas nuances as páginas de sociologia e de história em que o Dr. Fernandes Távora expressou o seu pensamento a respeito dos povos em luta na Europa. Pelos trechos transcritos, verifica-se uma orientação segura, uma interpretação dos fatos sociais dentro das bôas normas que a ciência social traça aos seus estudos.

O Instituto do Ceará realiza, assim, uma aquisição valiosa, incluindo no seu quadro social o Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, que, com os seus conhecimentos, com a sua inteligência, muito virá fazer pelo progresso da obra cultural que se vem construindo nesta Casa.

Discurso do DR. FERNANDES TÁVORA

SENHORES MEMBROS DO INSTITUTO DO CEARÁ:

Da penumbra em que tenho vivido, entre os labôres da clínica e a paz confortante do lar, foram arrancar-me alguns dos vossos ilustres confrades, esquecidos de que só aos verdadeiros cultores da ciência, aos detentores de títulos conferidos pela sabedoria, são destinadas estas cadeiras em que se têm sentado, no decorrer de meio século, as figuras mais venerandas da nossa terra.

Não perderei tempo em demonstrar-vos a carência de títulos que me candidatassem a tamanha honraria, pois sei que a boa vontade dos amigos a tudo se sobrepõe quando entende de atribuir qualidades e virtudes aos que vivem descuidosamente, no regaço do seu afeto.

Os que aqui, tão gentilmente, me trouxeram, que arquem com a responsabilidade da sua generosidade desmedida.

De mim vos confesso que, embora admirador, de longa data, dêste Instituto, nunca procurei nele penetrar, por dois motivos muito sérios: primeiro — pela já alegada deficiência de títulos, razão primordial, por que pura expressão de minha conciência; segundo — por que, a despeito de não sentir o chamado *horror ás responsabilidades,* tão vulgar entre os individuos de todas as categorias, sou, entretanto, um homem que leva muito a sério quaisquer compromissos e, por isso mesmo, só raramente os assume.

No caso em apreço, felizmente, não estou prêso por nenhuma promessa, senão a implícita na aceitação desta cadeira, isto é, de fazer o que puder, se puder e quando puder.

Não estranheis esta linguagem rude e franca de vosso novo confrade, por que êle nunca deixou de ser sincero em todos os atos da sua vida, mesmo na política, que, por êsse motivo, lhe foi sempre um calvário.

Não é que eu alimentasse ilusões sôbre as consequências dessa sinceridade a que os políticos, via de regra, são esquivos; mas por que, se muito cedo compreendi a necessidade da renúncia á gratidão pública, jamais o fiz em relação á da minha honra e do meu dever.

Perdoai-me o falar de mim, — atitude que vos parecerá desprimorosa; mas eu precisava prevenir-vos contra as surpresas que vos pode trazer um companheiro que sempre viveu arredio das associações de toda espécie, não por orgulho, que nada justificaria, mas pelo motivo já expresso.

DEVERES DO RECIPIENDÁRIO

É da praxe que o recipiendário se ocupe da pessoa de seu antecessor, fazendo um estudo mais ou menos sintético de seus trabalhos científicos e literários e da sua personalidade, uma espécie de inventário intelectual e moral.

Isso, quando o substituído é um morto.

Comigo, porém, o caso é diverso: trata-se da substituição de um vivo e que, pelo próprio regulamento do Instituto, ainda é seu sócio.

Falar de morto não é dificil, e a própria piedade se encarrega de quebrar arestas e esboçar com côres vivas as paisagens mentais mais desmaiadas, á mingua de valor próprio.

Mas, em se tratando de vivos, a coisa é muito diferente. Quem a êstes se refere, tem que andar muito apercebido, para não lhes ferir os melindres com verdades percucientes, ou não descambar em louvaminhas ridículas, expressão assás comum da covardia moral.

Eis a indesejável situação em que me encontro. Acresce ainda uma circunstancia, que preciso declinar: O dr. Djacir Menezes — moço estudioso e erudito, — grande admirador do dr. Pontes de Miranda, procura, como êste, explicar em termos matemáticos, a par das ciências físicas, a biologia e, com esta, o direito e a sociologia, "através das realidades econômicas, esclarecendo que a matemática é apenas meio de expressão objetiva, instrumento que se aperfeiçoa na observação diária dos processos e fenômenos exteriores. E acrescenta que os gabinetes de Estatísticas são os laboratórios da sociologia experimental, que êles elaboram os elementos métricos que caracterizarão a sociedade, permitindo uma análise quantitativa, e que há curvas e fórmulas que já surgiram na análise matemática, sob inspiração de tais pesquisas".

Ao folhear os livros do meu antecessor, tive a impressão de esbarrar em grossa antemural, que a tanto montam, para mim, os altos cálculos matemáticos, e lembrei-me daquele célebre aviso que o sábio grego colocou na porta de sua casa: "Aqui não entre quem não fôr geômetra". E como não sou geômetra, achei que se me impunha não entrar na análise de assuntos que transcendem a órbita dos meus parcos conhecimentos.

Não é que me insurja contra as aplicações da matemática na explicação das demais ciências, pois não desconheço que cientistas de alta envergadura assim pensam.

E, se é verdade, como afirma Bertrand Russel (citado por Djacir Menezes), "que a lógica e as matemáticas diferem entre si como uma criança difere de um homem, e que a lógica é a juventude das matémáticas e as matemáticas são a virilidade da lógica, razão não faltaria a Descartes quando fez do conhecimento matemático a base do próprio conhecimento universal".

Para o dr. Djacir de Menezes a sociologia "representa a cúpula dos conhecimentos humanos e seu ritmo depende do ritmo geral de todas as ciências particulares".

"É nela, diz êle, que sentimos justamente a profunda unidade do saber humano e somos capazes de apreender o profundo sentido biológico do conhecimento".

Á MARGEM DA GEOMETRIA

Entretanto, deletreando "O Outro Nordeste", obra em que o dr. Djacir de Menezes esqueceu um pouco as matemáticas, nele deparou-se-me um tópico, sôbre o qual não posso deixar de dizer algo, pois não é coisa despicienda o estudo da mentalidade de um indivíduo cujos atos devam servir para conclusões sociológicas. Referindo-se ao Padre Cícero, diz: "As tendências místicas que manifesta no Seminário de Fortaleza,

segundo o testemunho do reitor padre Chevalier, que quis embargar-lhe a ordenação, *não se pronunciam em psicoses que o definam dentro dos quadros clínicos dos delírios místicos. Oscilou nas fronteiras da anormalidade, sem acentuar-se nitidamente no sentido agudo das paranoias religiosas,* como essa multidão de doentes que repontam das populações fanatizadas".

Como já externei opinião diametralmente oposta, em carta dirigida ao reverendo Pe. Azarias Sobreira e que será publicada no próximo número da Revista dêste Instituto, sinto-me na obrigação de defendê-la, transcrevendo aqui alguns trechos dessa missiva.

Depois de narrar o episódio da beata Maria de Araújo, que determinou a divergência entre o Pe. Cícero e o bispo diocesano, escrevi:

"Iniciou-se, então, um novo estágio na vida mental do Pe. Cícero. Êle que fôra, até aquela data, creatura humílima e absolutamente submisso aos seus superiores hierárquicos, insurgiu-se, publicamente, contra as decisões e ordens do bispo diocesano, proclamando ser milagre aquilo que Dom Joaquim condenara com superstição, incompatível, por conseguinte, com os dogmas e ensinamentos da Igreja.

Por que assim agiu o padre, contrariando todo o seu passado de submissão e de renúncia? Muitos interpretaram essa brusca mudança como o despertar de paixões mais ou menos bastardas, sobresaindo, entre elas, o incontido desejo de ouro e de poder, por que, com o prestígio incontrastável que lhe adveio, igualmente lhe chegou a abastança, senão a riqueza.

Houve nesse modo de pensar um grave êrro de interpretação, acarretando uma injustiça, que deve ser reparada, sobretudo por aquêles que se propõem falar para a posteridade. O capelão de Juazeiro, cujo equilíbrio mental sempre fôra precário (como seria fácil provar com fatos diversos), sofreu, naquele rijo embate entre a sua crendice e a autoridade diocesana, um choque profundo, que lhe transformou por completo a personalidade.

Absolutamente convencido do *milagre* (a transformação da hóstia em sangue), e amparado pela opinião de alguns sacerdotes e até de representantes da ciência oficial, o padre Cícero não concebia como alguém pudesse duvidar daquilo que lhe parecia evidente, a não ser que, *propositadamente, o quisesse hostilizar,* e acabou, mui logicamente, por insurgir-se, primeiramente, contra o bispo e, posteriormente, contra a Santa Sé. Em relação a esta última, a resistência foi passiva mas, nem por isso, deixou de exprimir uma rebeldia. Mas, quem assim agia, já não era o padre Cícero, humilde, desprendido e submisso de outros tempos, senão o homem mentalmente transformado, que, vítima de fortíssima ilusão (ou melhor, delusão, como dizem os ingleses), fugira inteiramente ás realidades do meio em que vivia e, portanto, dele se alienára. Essa dupla interpretação errônea do fenômeno físio-patológico (a hemo-sialorréa) e do psicológico (o pensamento dos seus superiores), foi o ponto de partida, o germe do seu delírio. Por que acreditava estar com a verdade, rebelou-se contra os que nela não criam; e, em tôrno dessa falsa premissa, se desenvolveram os seus raciocínios, aparentemente justificáveis, mas, na verdade, tão inconsistentes como a base em que se firmavam. Os atos pos-

teriores de sua vida não poderiam ter outra diretriz senão aquela que, lógicamente, decorria do falso ponto de partida por que, nos doentes dessa espécie, o raciocínio é mais ou menos perfeito, não lhes faltando mesmo uma certa argúcia para despistar (permita-se-me o neologismo da moda) os que lhes procuram sondar o espírito.

As modificações mentais vieram naturalmente, como corolário da nova personalidade: o apêgo ao dinheiro, a melhoria da indumentária, o gôsto pelo poder, a iniciação política, etc. Tudo isso, é bem de ver, inteiramente contrário aos seus antigos hábitos e pendores; mas, agora, reclamado pela nova mentalidade, palco em que se agitavam os mais desencontrados sentimentos, afinal cristalizados num claro delírio de grandezas. Essa positiva mutação da personalidade do velho sacerdote, evidentíssima aos olhos de quantos o haviam conhecido em anos passados, não podia ser apreendida pelos que iam chegando, de todos os quadrantes do país, á futura Meca nordestina.

Encontraram-se, assim, em Juazeiro, naquele momento histórico, duas poderosas tendências que deveriam somar-se, seguindo o mesmo rumo, como a resultante de um grande paralelogramo de forças psíquicas.

Entre essa gente adventícia e o padre Cícero estabeleceu-se uma corrente de forte simpatia, logo transformada em solidariedade absoluta, cujos elos fundidos no cadinho de uma admiração ilimitada foram constituídos dêsse duplo material imponderável mas indestrutivel: a crença ingênua e insopitável da massa ignara, que precisava adorar, e a intrastejavel convicção do delirante que se julgava merecedor dessa adoração.

Se a maioria dos contemporaneos do padre Cícero não logrou decifrar-lhe a personalidade bizarra, embora não faltassem homens de regular cultura no Ceará e na própria zona em que vivia, muito menos o poderia fazer a multidão fanática, remançada na certeza feliz da ignorancia, que não conhece os acúleos da dúvida, e para a qual êle era, nada menos, do que um semi-deus".

Não reproduzo aqui as razões que me fizeram incluir o patriarca de Juazeiro no quadro da paranóia, por que seria alongar demasiadamente esta citação. Transcrevo, porém, os últimos períodos da epístola dirigida ao padre Azarias, nos quais penso haver sintetizado, com absoluta sinceridade, o perfil moral e mental daquele extraordinário dominador das multidões: "Possa êsse meu depoimento auxiliá-lo, de algum modo, na obra meritória da reparação, apresentando ao público, sob seu verdadeiro aspecto, êsse asceta singular que deslisou pelo mundo — *velut umbra*, quase á margem da vida, que êle tangenciou por mais de noventa anos, á dúbia luz de um perene crepúsculo, combatido ou malsinado por uns, respeitado e quiçá adorado por muitos, incompreendido por quase todos.

Vítima de uma organização deficiente, que o fadou a insanidade psiquica, por isso mesmo, não deve conta de seus atos ao tribunal humano, mas tão somente á Suprema Justiça de Deus, que lhe não tem negado o suave regaço de sua misericórdia, por que êle foi um caridoso semeador de esperanças, um piedoso e bom que passou pela terra consolando".

O que aqui fica transcrito, não representa uma contradita ás asserções do dr. Djacir Menezes, mas tão somente a exposição de um ponto de vista que mantenho, há longos anos. Aliás, nada haveria de estranhar se

eu ostensivamente opusesse o meu modo de ver ao do meu antecessor.

Neste Instituto não há o fetichismo das opiniões incontestáveis, pois nele se procura, sem condescendência e sem *parti-pris,* o rumo da verdade.

Esta não pode ser encontrada sem as divergências de opiniões, sem os atritos da crítica, por que, como bem o diz Peletan, "sem contradições não há mais pensamento; sem controle não há mais virtude".

EUCLIDES DA CUNHA E OS NORDESTINOS

Euclides da Cunha, num dos seus momentos de mau humor, expressou seu pessimismo sôbre a capacidade do mestiço para avançar dentro dos padrões de progresso da nossa época.

O dr. Djacir de Menezes se insurge contra essa concepção, e não falta quem nisso lhe dê razão, a começar pelo mesmo Euclides, que, um dia, espontaneamente, proclamou "as virtudes dos destemerosos caboclos nordestinos, até contra possíveis tentativas de ocupação militar do país".

Não é ainda a justiça. Por que aos desherdados que, aturdidos por tantas calamidades e atirados como fardos aos barrancos do Rio-mar, maltrapilhos, famintos e desajudados, tiveram animo e audácia para conquistar um quase continente, investindo contra povos vizinhos e, vitoriosos, ampliaram as lindes da pátria, serão insignificantes e deficientes todos os panegíricos e louvores.

São heróis autênticos que escreveram com o próprio sangue, ao longo da rota dolorosa, a história de uma raça de fortes, de um povo que é o cerne e a rocha viva da nacionalidade.

Os bravos e desmanilhados conquistadores do Deserto Verde, que realizaram na selva bruta e nas aguas traiçoeiras e sem fim da imensa Amazônia a maior epopéia de conquista pacífica de que ha menção na história humana, esperam ainda, na sua encantadora simplicidade e no invejável desdém pela ilusão da glória, o tributo de justiça, que até hoje, só displicentemente e a prestações mínimas, lhes vem concedendo esta nação de deslembrados!

"Os que permanecem sentados á beira da estrada, diz Lindolfo Color, são os homens sem destino, os povos anônimos, multidões despreziveis chumbadas á sua ingênita incapacidade de fecundar o tempo".

Mas o nordestino não pára: caminha sempre á procura da sua sorte, que espera ver um dia transmudada, aqui ou alhures, pela fôrça de sua vontade inamolgável.

JOSÉ CARVALHO

O primeiro ocupante desta cadeira foi José Carvalho, nome que evoca em meu espírito um longo rosário de recordações. Era eu bem pequeno quando o ouvi, embevecido, pronunciar formoso discurso em festiva comemoração aniversária do Colégio "São José", dirigido pelo velho e provecto educador José Joaquim Teles Marrocos, na cidade do Crato.

Encontrámo-nos, depois de alguns anos, no "Instituto de Humanidade" desta Capital, onde se reafirmou nossa amizade e cresceu minha admira-

ção pelo talentoso filho do Cariri. Nesse tempo, vi-o distinguir-se entre a plêiade de moços de talento que fundara a "Padaria Espiritual", sob o pseudônimo de Cariri Braúna, enquanto completava os seus estudos de humanidades.

Depois, as contingências da vida nos atiraram para terras distantes, onde cada um de nós procurou o seu destino.

Foi somente em 1931 que nos avistámos de novo, aqui, e pouco depois no Rio, onde pensei que nos haviámos separado para sempre.

Poeta, historiador e folclorista, José Carvalho foi, sobretudo, como bem o definiu Leonardo Mota, "um didata da brasilidade e, acima de tudo, um professor de cearensismo".

Nas suas lidas de advogado e, por último, de tabelião, nunca esqueceu o cultivo das letras, marchetando de belas produções os jornais desta capital e os do extremo norte. "Perfis Sertanejos", "Folclore Cearense", "Pero Coelho", "Primeira insurreição Acreana", "Dona Bárbara", "Os "Jangadeiros Cearenses", "História de Nhamundá" e "Repetindo Jesus" (versos), "Mais uma tradição sôbre a descoberta do Cariri", "Revolução do Pará", "Etnografia Indigena", "O Matuto Cearense" e "O Caboclo do Pará", são trabalhos que revelam a sua atividade intelectual multifária e brilhante.

De seus muitos e valiosos trabalhos, lerei apenas esta linda plaquete, em que se espelha a grande alma do poeta, plena de bondade e de fé:

REPETINDO JESUS

Pai nosso que habitais os Céus, santificado
O vosso nome seja e alto proclamado!
— A terra toda, cheia, em glória comovida,
Exulte! — por que sois o sumo Bem da vida!
— Vosso Reino, Senhor, que é o Reino da Luz,
Da Paz e do Perdão e do Amor, sem a Cruz,
Para a terra trazei! O vosso Reino a nós
Venha logo perfeito e só assim de Vós,
De vosso Amor sem fim, mais dignos seremos!
— Uma coisa, porém, por tudo acataremos:
É a vossa Vontade, — a suprema sanção,
Porque a fonte sois Vós de toda a Perfeição!
— Seja feita, portanto, assim, Vossa Vontade
Entre nós e no Céu!
E por vossa Bondade,
Senhor, fazei que o pão nosso de cada dia
Não nos falte no lar! Que a fome negra e fria
Não venha torturar nossos meigos filhinhos...
— Vós que sabeis nutrir no campo os passarinhos!
O vosso pão também dai ao pobre velhinho
Sem fôrça, a se arrastar pela vida sozinho!
— Nossa dívida feita em fraqueza ou maldade,
Pois que até contra Vós nos déste liberdade —
A dívida fatal, humana, perdoai,

Vós que tendes, Senhor, um coração de Pai!
— Também ao nosso irmão contra nós devedor,
Prometemos pagar o ódio com amor!
— Depois, Senhor, depois não nos deixeis cair;
É tão triste descer, tão miserando vir,
— Presa da Tentação — no lodo baquear!
Somos feitos de luz e para a Luz voltar!
— Não nos deixeis cair na Tentação fatal,
Mas livrai-nos, Senhor, de cometer o Mal
Pois que o Mal é a treva — a negação da Luz!

Patriota destemeroso, combateu ao lado dos que, no Acre, bem alto elevaram o nosso pavilhão, ampliando no extremo nordeste os domínios do Brasil.

De lá voltou com as mãos vazias: e quando esbulhado de um cartório, onde sempre cumprira fielmente o seu dever, procurou abrigo e confôrto na terra que tanto amou e enalteceu, não teve melhor sorte.

Mais de dez anos depois do seu desaparecimento, aqui nos tornámos a encontrar, malgrado a morte.

Narram as crônicas que Charcot, ao lhe anunciarem alguns discípulos o propósito em que estavam de, após sua morte, erguerem-lhe a estátua na Salpetriére, em face á de Pinel, respondera, envaidecido: "C'est bien! Lui et moi nous causerons ensemble la muit de cette pauvre cervelle humaine et ses grandeurs et ses decheances, tandis que Paris dormira!"

Não sei se diante da velha e gloriosa Salpetriére, as estátuas dos dois grandes sábios confabulam, nos fugitivos momentos em que Lutécia dorme.

Creio, entretanto, que, no augusto silêncio do nosso Instituto, a saudade que, na linda imagem do bardo é "asa de dôr do pensamento", nos unirá ainda: José Carvalho que é sombra, eu que ja sou penumbra... Ironia da sorte ou designios da Providência que se compraz em fazer encontradiços vivos e mortos, para entoarem o litúrgico *memento*, no eterno turbilhão dos homens e das coisas!...

NUME TUTELAR

Devo terminar êste longo arrazoado com que venho pondo á prova a vossa paciência; mas não quero fazê-lo sem primeiro prestar reverente homenagem ao nume tutelar desta casa — o Barão de Studart.

Por ocasião do cinquentenário do Instituto, em rápido discurso na Camara dos Deputados, rendi meu preito a êsse grande patriota que, com pertinácia quase sôbre-humana, carregou nos seus braços e na sua vontade inflexível, durante cinquenta anos, esta benemérita instituição.

É com grande emoção que ora evoco a memória dêsse eminente filho do Ceará, cujos extraordinários serviços á nossa história jamais poderão ser esquecidos.

Por que não o perpetuámos ainda no bronze, sequer de uma herma singular?

A posteridade responderá, talvez com amarga ironia, a esta interrogação.

O PARANINFO

Vão, agora, ao meu distinto paraninfo os mais sinceros agradecimentos por tudo quanto a sua generosidade houve por bem atribuir-me, numa benevolência que a só amizade não justifica.

É claro que lhe não posso tolher a munificência e, ainda menos, exprobar-lhe a gentileza que me deixou entre surpreso e confuso, por que o *nosce te ipsum* é preceito que vive constantemente na minha memória, como antídoto mais eficaz contra as pequenas presunções e vaidades que nos tornam ridículos.

Tal como a natureza cearense, que não conhece o pequenino na medida dos seus fenômenos, a bondosa alma de Joaquim Alves não atende a padrões, na distribuição de suas graças.

Daí, o dilúvio das suas amabilidades e fidalguias, que eu só posso responder com um — muito obrigado!

NOS HUMBRAIS DO INSTITUTO

Senhores membros do Instituto do Ceará:

Transpõe, agora, os humbrais desta casa veneranda, um homem trabalhado por 41 anos de lidas na clínica e cêrca de 30 nas lutas políticas, o que vale dizer, uma vida batida, durante dezenas de anos, por todos os tufões da ingratidão e da protérvia humana.

Não julgueis, porém, que êle vos chega trazendo preconceitos ou ódios, arrastando-se trôpego, cançado e desiludido como o Valjan de Hugo.

Piso reverente, mas erecto, o chão dêste templo do saber onde a tradição, que é a sombra dos mortos, entretém o diálogo infindável entre as gerações que se sucedem na cadeia eterna da vida.

Das tempestades enfrentadas, não guardei apenas a espuma dos cabelos brancos, mas a lição do sofrimento, fazendo brotar do campo estéril e amargo das desilusões, um pouco de otimismo e de fé, talvez o melhor quinhão do homem, quando a vida lhe vai no entardecer.

Que vim aqui fazer?

Não ando em busca do repouso, por que pretendo lidar no resto dos meus dias, até esbarrar com a morte, têrmo improrrogável de todas as atividades, ponto final das nossas caminhadas.

Não almejo também encontrar aqui a esquiva felicidade "por que a mão que se estende para colhê-la, semelhantemente á que se estende em busca da Giesta, a flôr do êrmo, a degredada eterna do inacessivel, voltará sempre trêmula e vasia".

A que viestes, então, perguntar-me-eis? E eu vos respondo sem constrangimento: Vim sentir convosco, no plácido convivio do vosso sodalício um pouco de poesia do passado, matar a saudade de uns grandes gestos,

aspirar o vago perfume de umas virtudes, que em outros tempos mais felizes, fizeram a honra e a glória do Brasil.

Vivre avilit, afirma Henri de Regnier, certamente pensando no retardamento dos movimentos organicos, o abastardamento das funções, a diminuição evidente do tonus vital, que acompanham a velhice. Mas a vida não se resume no funcionar da máquina organica: ela é, antes de tudo inteligência e pensamento.

Quantas vêzes do cérebro de um moribundo partem ondas de luz a iluminar um mundo que, para êle, já é sombra!

Não! Envelhecer não envilece nem abastarda, mas fortalece e doira de estranhas claridades o outono da vida quando o homem, apropinquando-se da morte, mais e mais se concentra no pensamento, soberano senhor de todos os espaços, alado viajor de todos os mundos!

No agonizar das tardes há, quase sempre, tonalidades mais belas que no raiar das madrugadas. Aquêles que já transpuseram o cimo da montanha, ao divisarem, temerosos, os vales da outra banda, agarram-se demasiadamente ao tempo e ás coisas, por que quase sempre lhes falta um pouco de visão poética e de filosofia, para meditar sôbre o universo e a vida, á branda luz das tardes silenciosas, sob a poeira doirada dos crepúsculos.

E, enquanto o pensamento vai realizando a sua precípua "função de pacificar o tumulto das coisas", deixemos que o tempo passe, levando cada dia um pouco de nós mesmos, e façamos de conta que com êle marchamos, em bela revoada, á procura do nosso destino.

É isso o que nos ensina a sabedoria gaulesa, como a de todos os povos e de todos os tempos, nessa bela canção, duas vêzes secular, de M. de Moncrif:

"Plus inconstant que l'onde et le nuage,
Le temps s'enfuit; pourquoi le regretr?
Malgré la pente volage
Que le force a nous quiter,
En faire usage
C'est l'arreter.
Goutons mille douceurs:
Et si la vie est un passage,
Sur ce passage au moins semont des fleur"

Senhores do Instituto:

Aqui vos deixo o meu profundo reconhecimento.

- III -

Dr. Raimundo Renato de Almeida Braga

Discurso do DR. JOSÉ WALDO RAMOS

REMINICÊNCIA

Não sei quantos anos se passaram: "no convívio da admiração e do afêto o tempo não tem medida", decorre sutil, impessoal, como quando nos enchem o espírito suaves sensações. Passa, é verdade, com a lentidão cronológica de sempre, mas como que, nesses momentos, perdemos o seu contacto físico e a emoção que nos domina se alça poderosa, abrangendo todo o vasto campo de nossa visão espiritual — e o próprio tempo perde sua significação. Sei, apenas, que já vai longe o dia em que nos encontrámos e, atraidos por um laço de franca simpatia, fez-se entre nós, naquele ambiente alegre e sadio do colégio, a melhor cordialidade.

Espelha-me ainda a memória essa época risonha para nós ambos... Em nítidos relêvos se desenham aos meus olhos os quadros nela contidos que até se me afiguram mais vivos e coloridos na imaginação, tanto mais se distanciam e diluem nas sombras do entardecer, nessa delicada e sugestiva moldura de saudade.

Recordo... Éramos ainda pouco mais que duas crianças. Um pouco mais velho, a força de assegurar a continuação dos meus estudos na Faculdade de Direito, onde havia pouco me matriculara, e á mingua de auxílio por maior que fosse a bondade paterna, ingressei no magistério primário, e sem que me apercebesse, enquanto os anos passavam, fui afinal me deixando empolgar pela nobre missão de preparar homens para o futuro, cidadãos para a família e para a pátria.

Não seria grande a diferença entre o jovem mestre e o jovem aluno; mas o certo é que, aproximados por essa circunstancia da idade, que nos permite quasi sempre ou sempre o melhor entendimento e compreensão, e, ainda, por afinidade das disciplinas que constituiam as nossas preferências e atenções, nasceu dos bancos escolares essa estima que ainda hoje nos enlaça com o mesmo encanto e a mesma poesia daqueles tempos que passaram e que tão nitidos se apresentam neste instante á memória.

De certo a nenhum de nós seria dado prever, decorridos mais de vinte anos, viéssemos nos encontrar no pórtico do Instituto — professor e aluno — aquele investido pela consideração dos seus pares, o orador incumbido de dar as boas vindas ao sócio recém-eleito, o antigo discípulo, cuja carreira veiu acompanhando sem lhe regatear as palmas merecidas pelas vitórias alcançadas.

Nenhum de nós poderia, num golpe de intuição, penetrar o futuro, vez que a vida, no curso do tempo não se pauta pelo rítmo puramente causal. Mas recordar, trazer ao presente, nos haustos da emotividade, as gratas sensações, a cordialidade do convívio de outróra, é, para nós, mercê dadivosa com que a vida, a despeito de suas agruras, dá colorido e calor ao instante, que flúi.

"Recordar e prever constituem dons peregrinos da inteligência", disse Gregório da Fonseca no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. "Recordar é previlêgio do homem, prever, quase atributo da divindade".

Que longe vão êsses tempos, dr. Renato Braga, e que diferente era essa cidadezinha provinciana mergulhada na simplicidade da sua vida diária e a noite embalada na melodia languorosa de serenatas ao luar... Mas deixai que o diga — "Aqui suspendo a crônica das saudades. Saudades verdadeiramente? Puras recordações, saudades talvez, se ponderarmos que o tempo é a ocasião passageira dos fatos, mas sobretudo — o funeral para sempre das horas".

DEFINEM-SE AS DIRETRIZES

Não me foi difícil perceber, tão cedo e profundamente me identificara com a psicologia humana, as qualidades de inteligência e de caráter que o distinguiam e lhe asseguravam, entre os companheiros de classe, posição de relêvo. Aliando a essas qualidades a pertinácia, sabia remover os tropeços que se lhe antolhavam sem a exaltação dos que receiam circunstancias ocasionais e vacilam e tateiam, mas com a serenidade daqueles que têm a noção exata das coisas e agem depois de colocado o problema em equação, com o mesmo senso necessário que afasta o sofisma e realça o prestigio da lógica.

Revelava-se, assim, nas perguntas que fazia, no interesse manifesto de dominar porventura o assunto ora discutido, em todos os seus aspectos, no afan de satisfazer a curiosidade, no carinho com que procurava estudar e conhecer tudo que dizia respeito á ciência geográfica e suas correlatas, preferentemente no tocante á nossa terra, á nossa gente e seus problemas vitais. Estavam aí definidas as tendências do homem. E quando, mais tarde, ingressou no curso universitário, levava sólidos conhecimentos de humanidades que lhe assegurariam uma carreira vitoriosa e rápida.

A preferência pelos estudos sérios feitos em gabinete, experimentalmente, ou em campo, práticamente, surgiu das primeiras indagações cientificas, das primeiras atrações com que o seduzira a ciência, assim que teve noção exata dos fenômenos político-sociais, bio-econômicos e geofísicos, em tôrno dos quais ontem, como hoje e sempre, vivem todos os povos e evoluem todas as civilizações.

Ao contrário da maioria dos moços que estream nas letras com obra de ficção — o romance, a novela, o conto, a poesia — que muitas vezes consagram e definem o perfil literário de uma individualidade e assinalam o marco de uma nova era, o recipiendário de hoje, conquanto não abjurasse de todo qualquer uma daquelas formas literárias e lêsse com entusiásmo os seus melhores mestres assim no Brasil como em Portugal,

estreou na imprensa e na tribuna com artigos e conferências, versando assuntos sérios, sisudos, discutindo matéria especializada, rígida porque quase sempre técnica.

Não foi em vão que se meteu gostosamente no seu gabinete, renunciando a tudo quanto lá fora não pudesse aproveitar a orientação dos seus estudos — traçados num ambito de rigorosa especialização; não foi em vão que se acercou dos maiores autores nem empilhou nas estantes centenas de livros que são notáveis reservatórios do saber humano, todos anotados, riscados á margem, assinalados aqui e alí com pedaços de papel, atestado frisante de que são manuseados, estudados a cada passo.

Quem se exila, assim, voluntariamente, num gabinete de leitura, cercado por aqueles que são verdadeiras sumidades e foge do bulício, do tumulto atordoante das ruas, onde a mediocridade tartufa alardeia méritos e qualidades que não tem, para mergulhar o espírito em conhecimentos científicos na mais sadia fonte, é, ainda, nesses tempos que vivemos, e em pleno fastígio da mocidade, um homem desambientado, vivendo por assim dizer fora do século.

Por êsse lado e só por êsse lado, andou bem o Instituto delegando-me poderes para representá-lo nesta solenidade de recepção ao novo sócio que vem integrar o seu quadro, porque ninguem melhor do que eu o receberia, embora não o faça, á míngua de melhores conhecimentos, numa linguagem rica de conceitos e estílo rigorosamente terso e castigado, mas o faça numa linguagem simples que á verdade, de certo, melhor se ajusta e convem.

A CADEIRA NÚMERO DEZESSETE

A cadeira que vindes ocupar nesta casa foi fundada pelo dr. Guilherme de Sousa Pinto, que tantas vezes vimos aquí, sempre pontual e atento, devotado mesmo, a tudo quanto dizia respeito ao Instituto, sua vida social e cultural.

Ainda está bem viva sua lembrança nesta casa, de onde se partiu no meio da maior consternação.

Se lhe quizéssemos traçar o perfil não precisaríamos dizer mais que como homem de estudo era esforçado, como amigo, prestimoso e como sócio do Instituto, cioso das suas glórias.

Trabalhou até os últimos instantes e ninguém jamais o surpreendeu em momento de tibieza.

Conheci-o de perto; frequentei inúmeras vezes o seu gabinete de estudo, cheio de mapas pendidos das paredes, de gráficos coloridos e de estantes pejadas de livros da especialidade que abraçou.

Sousa Pinto era um homem de conhecimentos e os seus trabalhos publicados em revistas e jornais daquí e de outros Estados são o testemunho seguro, insofismável, do seu valor. Não obstante a irreverência com que muitas vezes o trataram — o que soube perdoar com toda a nobreza de sua alma — passando adiante completamente surdo aos críticos da sua obra, que não eram capazes de fazer igual, mais se tornava arraigado no culto da sua terra e da sua gente, dando a ambos o que de mais nobre possuia, o seu amor a tudo quanto era Ceará e do Ceará.

Não alcançou, absolutamente, o alvo, o ridículo com que muitas vezes

quizeram feri-lo naquilo que constituia o seu maior, senão único interesse — a estatística no Ceará.

Colecionou todos os dados ao seu alcance para uma obra de mérito, e, se não o conseguiu, entretanto tudo quanto temos em nossa terra em matéria de estatística é obra de Sousa Pinto ou obedeceu á sua orientação. Que mais poderia êle fazer com a deficiência de elementos com que lútava? Os que desejavam mais, porque o não auxiliaram? Porque não foram mesmo fazê-lo? Ninguem se preocupava com assuntos dessa natureza. Ninguém deixaria uma vida cômoda e fácil para se sobrecarregar de preocupações ou matar a cabeça e perder o tempo alinhando parcelas numéricas em operações que nenhum interesse prático imediato lhe poderiam trazer.

Mais fácil era, como é, ridicularizar os que trabalham, criticar os que se compenetram dos seus deveres e obrigações e fazem o que devem como podem, e se desempenham como podem de atribuições que lhe são cominadas por ordem superior ou que se lhes atribuem por vontade própria.

No Ceará por qualquer dá cá essa palha se movimenta uma campanha de descrédito. E, achando-se dois intelectuais juntos, palestrando á porta de uma livraria ou nos bancos da avenida, o terceiro que passar ao perto sentirá arder as orelhas e uma onda de sangue lhe subir á cabeça!...

Os invejosos, os despeitados, incapazes de pensar e produzir, vivendo de ridículos elogios entre baforadas de fumo e chícaras de café, anulam-se por si mesmos, porque afinal de contas não há público para ouvir os seus despautérios nem imprensa para agasalhar as suas pasquinadas. Também assim, de orelhas caídas e cauda em báculo, no silêncio das noites mortas, cães vagabundos ladram á lua.

Sousa Pinto não era homem para se entregar vencido. Vimo-lo impávido aparecer nas colunas dos jornais, das revistas, daqui e do sul do país, e por mais de três lustros publicar, além de monografias, algumas substanciosas, o "Manual de Estatística do Ceará", indiscutivelmente um trabalho meticuloso e sério que, se muitas vezes falha na eloquência dos números, outras tantas, e sempre, é, ainda, a fonte onde vamos encontrar organizados os melhores elementos para o estudo econômico das nossas possibilidades, das nossas riquezas agro-pecuárias nos últimos anos.

Não lhe escapou á argúcia, a compreensão exata do futuro que nos aguarda no concerto das grandes potências mundiais, nem a importancia dos conhecimentos da estatística que deve merecer dos altos poderes da República o melhor estímulo, a mais perfeita aparelhagem, afim de que os seus cálculos e sensos possam traduzir a verdade na sua mais alta expressão, servindo desta forma como o melhor instrumento para orientar o govêrno.

Aceitou-a como a conceituara Teixeira de Freitas: "faça o Brasil a estatística que deve ter e a estatística fará o Brasil como deve ser".

Suas atividades se exerceram noutro setor, vêz que antes de ser o diretor do Departamento de Estatística do Ceará, foi o secretário da Junta Comercial, cujo arquivo, segundo informações preciosas, guarda pareceres brilhantes de sua autoria.

Á maneira do que fêz o povo bandeirante, dando á bibliotéca da

Junta Comercial de S. Paulo o nome de visconde de Cairú, não seria justo lembrar déssemos, os cearenses, á bibliotéca da nossa Junta Comercial, o nome de Sousa Pinto, como uma homenagem póstuma a quem tanto se interessou por tudo quanto era nosso?

Substituiou-o o dr. Plácido Aderaldo Castelo, estudioso de questões econômicas e financeiras, hoje na Capital da República, e por isso mesmo figurando na galeria dos sócios honorários do Instituto.

ENTRE O AMAZONAS E O CEARÁ

O historiador que escrever a história do Amazonas terá de escrever em parte a história do Ceará. Na epopéia do Acre, que é um novo capítulo do bandeirismo da raça, nas lutas pela posse da terra imatura, serpeada de rios caudalosos, povoados de assombro e de mistérios, no recesso das matas opulentas, "virgens do passo humano e do machado", por traz de cujos troncos armavam-se traiçoeiras emboscadas, na área onde se construiram as primeiras aldeias, que foram o berço de grandes cidades, no desbravamento de extensos seringais, na esteira movediça das águas barrentas que modelam a planície á forma de uma lira, na expressão de Raimundo Morais, e por onde deslisam ainda hoje barcos aventureiros, há um casebre, uma ruína, uma cruz, uma tradição, uma lenda, uma história que recorda a pousada ou a passagem de um cearense por alí: "O caboclo e o nordestino", em "Legendas e Aguas Fortes" disse Péricles de Morais, "êste último deveras, que devia ser considerado o lídimo homem amazônico, por ter sido o demolidor da floresta virgem e por ter penetrado o vale em toda a sua extensão..." Da terra contam-se coisas fabulosas e do homem na luta tenaz para vencê-la, reagindo contra todos os obstáculos imagináveis, admira-se a ação e a coragem.

Foi exatamente a grandeza da Amazônia, a feracidade das suas terras, a exploração da seringueira que atraiu de tôda parte o homem sequioso de aventuras, disposto á conquista de meios com que vencer e se instalar na vida, satisfeitas as exigências do confôrto e do luxo.

Quase sempre ou sempre as levas humanas que se deslocaram do Ceará e Estados circumvizinhos para o Amazonas, foram impelidas pelas sêcas que periódicamente assaltam o Nordeste, talando os campos, dizimando os rebanhos, destruindo as plantações, rasoirando a fortuna particular, produzindo o desequilíbrio na fortuna pública.

A história das primeiras famílias amazonenses está ligada á história do Ceará pela aventura e pelo sofrimento. Ninguém sabe, ninguém jamais ousou dizê-lo — nem Euclides da Cunha, nem Henrique Santa Rosa, nem Gastão Cruls, nem Alberto Rangel, nem Alfredo Ladislau — e, por mais fortes que fossem as imagens, seria impossivel traduzir com precisão o extraordinário sofrimento daqueles que deixaram o recanto natal comburido pela sêca e, através de estradas poentas e tortuosas, esqueléticos, andrajosos e famintos, chegaram ao litoral onde metidos a bordo de navios viajaram longos dias entre o mar e o céu, depois das maiores vicissitudes até o desembarque, em Manaus, para serem reembarcados para os seringais longínquos... Muitos ficaram sepultados nas ondas, ontros dormem o sono derradeiro nas praias imensas dos rios do "inferno verde" ou á sombra de uma samaumeira frondosa á beira de um igarapé.

Mas, quando um dia se contar como de fato ocorreu a história desses anônimos que foram os construtores de um mundo, então a figura do seringueiro corajoso e audaz há de surgir do recesso umbroso das matas para a admiração do Brasil, nessa magistral interpretação de Humberto de Campos:

"És missionário sem burel e estola;
Tens na mão a semente das cidades
Que semeias sem Cristo e sem Loiola

Basta para um sermão que a flecha sifle...
Como são convincentes as verdades
Dos dezoito Evangelhos do teu rifle!...

Dessa terra maravilhosa aonde foram residir seus pais ainda criança, veiu Renato Braga para o Ceará, formando-se aqui a sua personalidade intelectual e moral, em contacto com os nossos mestres, identificado com os nossos problemas, imbuído de tudo aquilo que é a razão de ser de nossa vida nessa luta extraordinária, ora vencedor, ora vencido, em que o homem do nordeste se empenha para fazer a própria natureza.

Deve, pois, ao Amazonas, ao Acre, conquistado á selva e ao desconhecido, o nascimento, e ao Ceará, que é a terra de seus pais, deve tudo, porque, se lhe apenas estruturou a personalidade, é, entretanto, a terra de seus filhos.

A FEIÇÃO DO ESCRITOR

Poucos homens de letras no Ceará, na sua idade, acham-se tão bem enfronhados em assuntos geofísicos e sócio-político do meio, conhecendo a fundo as suas causas e consequências. É que o moço estudioso não mediu esforços de qualquer espécie para se forrar de sólida cultura. Meteu-se no gabinete pela noite a dentro consultando mapas, revendo velhos papeis, que tudo tem colecionado, investigando documentos, indagando a veracidade das informações, descendo até ás fontes, perquirindo, comparando, num trabalho exaustivo que dificilmente pode alguém realizar sem que o anime uma vontade enérgica.

Assim, não sómente consultou viajantes e sábios que estiveram no Brasil e sôbre o que viram e conheceram escreveram fecundas mêmórias: St. Hilaire, Hart, Orville Derby, Alexandre Humbolt, Lund, De Kuatrefages, Lamark, Agassiz, como também os grandes mestres da geografia, da sociologia e antropogeografia brasileira, quer antigos, quer modernos.

Lado a lado, tem-nos nas estantes ou empilhados na mesa de estudo, ao alcance da mão, quando sôbre ela se debruça para escrever uma página qualquer de pesquiza ou crítica histórica.

Em conversa, na intimidade, muitas vezes me tem dito que realmente o melhor de todos os passatempos é a leitura de um bom livro, bem escrito, em linguagem de lei, sério nas suas idéias, o que já se vai tornando raro em nosso meio e em nossos dias, emquanto escrever para o público

constitue uma temeridade porque, "de todas as artes a mais difícil, é sem dúvida a arte da palavra".

"Se eu tivera de buscar um prazer capaz de me amparar em tôdas as circunstancias, fonte de felicidade e alegria na vida, defêsa contra os seus males", escreveu um sábio inglês, "quando tudo fosse pelo pior e tivesse o mundo contra mim, êsse prazer seria o gosto da leitura".

Não obstante, lhe não falecem apreciáveis qualidades de escritor. Tem a noção da justa medida na objetivação do tema que explora. A sobriedade no emprego e a destreza no manejo da expressão, realçam a simplicidade do estílo.

Escreve seguindo o curso do pensamento, sem a preocupação de frases ou questiúnculas de gramática.

Quer antes de mais esclarecer o assunto, discutí-lo com elevação, analisá-lo com serenidade, estudá-lo comparativamente para torná-lo accessivel aos leitores. Ajusta-se-lhe muito bem o conceito de Alencar: "todo homem, orador, escritor ou poeta, todo homem que usa da palavra, não como meio de comunicação de suas idéias, mas como um instrumento de trabalho... deve estudar e conhecer a fundo a fôrça e os recursos desse elemento de sua atividade".

Ás vezes não se limita sómente ás leituras: para remover dúvidas que lhe assaltam excursiona com turmas da Escola de Agronomia, afim de estudar melhor a natureza de uma zona geográfica, seu tipo de vegetação, fácie geológico, processo de agricultura, possibilidades econômicas e nessas longas caminhadas pelo interior do Ceará, através uma paisagem sem grandes alternativas, ora subindo, ora descendo cômoros esmoitados, descançando á sombra frondosa do juazeiro ou na alpendrada da casa da fazenda, interpela o caboclo humilde que se aproxima respeitoso do homem da cidade, ouve-o com o mais vivo interesse e vai anotando as suas frases, as suas expressões, ditos jocosos, as suas lendas, observando os seus hábitos, os seus costumes, as suas vestes, a alimentação. Nada escapa ao olhar do observador. Diverte-se aprendendo. Inúmeros cadernos de notas se encontram no seu gabinete refertos dessas pequenas observações.

A indiferença ou antes a aspereza da vida ainda nos não permitiu um estudo completo de tudo quanto o Ceará oferece digno de ser conhecido desde o meio até o homem. Não temos ainda o estudo do folclore praeiro, não temos ainda o estudo do folclore sertanejo. Um só aspecto até agora conhecemos do folclore cearense estudado carinhosamente por um dos nossos sócios do Instituto, o nosso querido Leota, que também palmilhou os sertões e reuniu os cantadores mais famosos. Ouviu-os á viola, copiou os seus improvisos, os seus desafios, as suas copias, adagiários e modismos e escreveu quase meia dúzia de livros magistrais, sagrados pela crítica unanime do país.

Em que pese excelentes trabalhos devidos a alguns dos nossos mais notáveis homens de letras e cientistas, Th. Pompeu, Antônio Bezerra, Gustavo Barroso, José Carvalho, Pompeu Sobrinho, Rodolfo Teófilo, Dias da Rocha, além de alguns escritores e cientistas que adidos aqui á Inspetoria de Sêcas — Arrojado Lisboa, Philip von Luetzelburg, Luciano Jaques de Morais — tiveram oportunidade de escrever sábias memórias e estudos de observação da nossa terra, muito há que fazer, que estudar, que sistematizar.

A OBRA

A obra do novo consócio não peca pela abundancia, avulta, porém, pela coerência. Já concluídos e inéditos tem lições de Zooteonia e Evolução da Pecuária no Ceará. Outras obras de maior tomo, em elaboração, Dicionário Geográfico do Ceará e Relação Alfabética das Plantas do Ceará, que lhe bastariam para firmar reputação de autoridade.

Entre os trabalhos já publicados sobressái um excelente estudo inserto no número trinta e oito de "Cultura Política", notável revista mensal, de estudos brasileiros que se edita no Rio de Janeiro sob a direção de Almir de Andrade, intitulado "UM CAPÍTULO ESQUECIDO DE ECONOMIA do NORDESTE", de orientação crítico-sociológica. Trabalho de fôlego, calcado numa extensa bibliografia, no qual o autor se revela um pesquizador paciente e minucioso.

> "O período áureo da pecuária nordestina estadeia-se no século 18, quando flúi generosamente a fonte das concessões territoriais e ultima-se o povoamento, graças ao boi cujo passo tardo mas persistente conquista as caatingas e o tapuio bravio, acolchetando economicamente, aqui como alhures, o sertão aos núcleos consumidores da periféria açucareira e do centro minerador. Neste ambiente pastoril a vida girava em tôrno do comércio de gado em pé para Pernambuco, Bahia, Minas Gerais. Gosavam de preferência as boiadas do interior, porque as das fazendas litoraneas ou dos taboleiros adjacentes, menores de porte, menos resistentes, de cascos mais fracos, estropeavam-se na lonjura das caminhadas, dificilmente chegavam aos mercados distantes.
>
> Absorviam os bovinos do Rio Grande do Norte as capitanias próximas da Paraíba, Itamaracá e Pernambuco, porém as manadas cearenses da beirada atlantica tinham consumo restrito e pouca possibilidade para dilatá-lo.

Como se deu o encontro de homens da marinha e de homens do sertão, diz o ensaista:

> "comerciantes rudes e sertanejos rixentos, não raro explodia em rusgas, resolvidas a faca ou a tiros de bacamarte. As cousas chegaram a tal ponto que a carta régia de 25 de Setembro de 1745 determina que um juiz ordinário e um tabelião da vila de Aquiraz assistam no Aracatí, por ocasião da afluência dos barcos, afim de coibirem as desordens".

Não menos importante é êste estudo sob o título "O CONQUISTADOR DO SERTÃO", publicado em "Valor", em que o autor procura narrar a conquista do sertão criador, obtida anônimamente e sem a dramaticidade dos grandes acontecimentos e que nem por isso, entretanto, deixa de constituir um dos capítulos originais de nossa história.

> "Na sua marcha vagarosa mas constante, o gado vai se

> reproduzindo, dominando o índio e as feras, avassalando amplidões grandiosas, conquistando um império cujos limites esbatem-se nos extremos de uma das maiores regiões fitogeográficas do Brasil.
>
> O boi ocupou um milhão e meio de quilômetros quadrados que foram furados em todos os sentidos, cortados de comunicações, mais ou menos povoados.
>
> A conquista do sertão criador não se revestiu da dramaticidade do *rush* da mineração, mas os seus efeitos foram muito mais profundos porque permanentes. Não teve a duração temporária das catas ou dos filões exauriveis.
>
> Ainda hoje, os seus núcleos de população, de uma estrutura étnica superior aos do litoral conservam o "verdadeiro ou o único tradicionalismo da vida nacional".
>
> É a idade do couro da nossa sociedade sertaneja que não teve história, nem mesmo humilde crônica porque lhe faltou o rumor das batalhas e o retinir argentino dos cruzados dos dizimo.

Nesses tópicos a que me reportei mostra o escritor á luz dos melhores conhecimentos da sociologia brasileira, como os rebanhos de gado se deslocaram do litoral, através de péssimas trilhas para as caatingas do interior, coberta do mimoso e do panasco e como surgiu a indústria do xarque iniciada pelo cearense José Pinto Martins, que acabou mais tarde, tangido para os pampas, em consequência de uma sêca em 1780, estabelecendo-se á margem direita do rio Pelotas.

Página vigorosa de brilhante estílo descritivo é esta sôbre a serra do Araripe, gigante geológico milenar, que repousa num oásis contrastante com a rude e áspera paisagem sertaneja.

> "pela sua feição geológica, topográfica e botanica, ressalta como uma forma típica e original na orografia nordestina.
>
> É um vasto chapadão alongado por 180 quilômetros, marginado de escarpas altaneiras, modeladas pela ação erosiva das águas que lhe tabulou o cimo e devorou os flancos.
>
> Soterraram-lhe o sopé os residuos dêsse desgaste milenar, que, carreados pelas enxurradas ou pelas fontes borbulhantes, se espraiam nos declives suaves, colmatam-se nos brejos, fertilizando assim a serra do Araripe, com a sua carne e o seu sangue, a planicie que se alarga á margem da sua falda oriental, onde se enfileiram as lanças empenachadas e sumarentas dos canaviais.
>
> É o Cariri,oásis perdido no amago do "Nordeste Sêco", filho da estrutura geológica da serra do Araripe, cuja camada superior de arenito, qual imenso mataborrão vermelho e amarelo, de 200 metros de espessura, bebe gulosamente às águas das chuvas, que se estancam no leito de calcáreo cinzento, ligeiramente inclinado para leste, numa visada de Crato a Jardim, para abrolharem em choros dagua, em rega-

tos que correm saltitantes de torrão em torrão, em levadas que se estiram rebrilhantes ao sol, ou em córregos múrmuros que descem espadanando chuveiros de prata.

Capeado, como vimos, por um horizonte de arenito, o alto da serra estende-se plano, chão, desprovido dagua porém ostentando ainda, esparsamente, os restos de uma mata alta, caracteristicamente xerófila, onde sobressaem os ramalhudos visgueiros, os piquizeiros de sombra convidativa, as "Bowdichias" linheiras e de copa excelsa, as anonáceas e as mirtáceas, as carobas que dão uma nota garrida á paisagem com a sua floração azul cobalto, as grandes timbaúbas, os cajueiros e os cajuís...

A mata verdadeira, hidrofila, quase já não existe. Reponta em ilhotas onde manam as fontes, dando-nos uma idéia do que foi essa imponente materia que ia da planura aos nateiros da serra. O machado abateu-a e os palmeirais esgarçados, poupados porque dão lume e této, são as coordenadas fitogeográficas da sua antiga área.

Na chapada, continúa a faina aniquiladora da mata. Irmanam-se nesse mister o plantador de mandioca, o carvoeiro de Juazeiro, o senhor de engenho, porém, acima de todos, está o criador, que anualmente por êste tempo, propositalmente ateia fogo á mata, abrindo-lhe clareiras, destruindo-lhes os renovos, matando-lhes as sementes, para que as touças ásperas e cortantes de capim agreste ressurjam verdes e reçumantes de seiva dêsta purificação ígnea.

NO LIMIAR DO INSTITUTO

Passais, portanto, Dr. Renato Braga, a integrar um grupo de trabalhadores intelectuais, desinteressados, solícitos, votados ao árduo labor do estudo consciencioso e lento, mas sempre fecundo, e, além de fecundo, sobretudo, nobre, por isso que visando fins superiores, precipuamente a dignidade e a grandeza da pátria.

É a êste grupo que, a partir de hoje, pertenceis. E, certamente, não se abriram em vão as portas dêste cenáculo.

Abriram-se para acolher em seu seio, na dignidade de suas aspirações, na autenticidade de seus méritos, na pureza de suas intenções, um espírito lúcido e brilhante, experimentado em enérgicas lutas e decididos combates nos quais desconhece impecilhos e cuja esplêndida vitória é prêmio e recompensa ao seu labor produtivo, atividade criadora e superior energia.

Sêde bemvindo, Dr. Renato Braga, á casa do Barão de Studart.

Discurso do DR. RENATO BRAGA

REMINISCENCIA

Se a memória, como diz Maurois, é uma grande artista, porque só deixa ficar as percepções que registam momentos belos e felizes da existência, momentos que desprendem suave perfume de saudade, podeis avaliar o sentimento com que revejo, pelos seus olhos, o mundo de imagens e emoções da minha vida de colegial. A visão interior reconstitui miudamente aquela paisagem retrospectiva. Desanda o relógio do tempo quase um quartel de século e passam, como se fosse ontem, os mestres que me iniciaram na arquitetura dos alvéolos flavescentes e nos segredos do áureo mel da sabedoria, mistér onde não fui além de canhestro aprendiz; passam também, doiradas e zumbindo, vindas dos quatro cantos da cidade, as jovens abelhas portadoras do néctar e do pólen para êsse mel, a enxamearem em vasto apiário, ali na rua S. Paulo, enrte a 24 de Maio e a Tristão Gonçalves.

Por aquêle tempo não cultivávamos os esportes, íamos aos cinemas aos domingos, quando íamos, e os costumes de Fortaleza, mais rijos ou mais interesseiros, não permitiam os deliciosos namoros juvenis que agora fazem o encanto dos ginasianos. Gastavamos as horas a discutir política e literatura, amesendados nos cafés da praça do Ferreira.

Na política, éramos oposicionistas sistemáticos, extremados nos conceitos, admiradores da discurseira e dos artigos de fundo dos salvadores da pátria.

Na literatura, perdidamente enamorados da forma, do vocábulo peregrino, do período sonoro. A fraseologia fascinante atraía-nos como a luz atrai as mariposas.

O verbalismo constituía o clima intelectual do Brasil. Imperava a beleza sensível, exterior e falsa, a beleza que envelhece e portanto deixa de ser beleza. Os nossos corifeus, copiando os deuses das teagonias orientais, cujo hálito encrespava mansamente as águas do oceano original, saciavam-se em filigranar acadêmicamente a superfície das coisas. Não havia densidade nos estudos. Os raros pensadores jaziam praticamente inéditos. Faltava-lhes a orquestração vocabular, o estilo, dizia-se. A obra de Tobias Barreto fôra fulminada sob o pretexto de que o filósofo sergipano não sabia colocar os pronomes á lusitana. O próprio Euclides da Cunha, incontestavelmente uma fôrça eruptiva na paisagem chã da cultura nacional, não triunfou como vero pensador brasileiro que o foi no campo da antropogeografia, da sociologia, da moral, venceu pela forma bárbara, tão bárbara quanto a terra e o homem que estudou, pelo cosmos de prodigiosas imagens, verdadeira chuva de estrelas a ressaltar a evanescência das lampadas francêsas que iluminavam o pequeno mundo literário brasileiro.

Evadiam-se os uossos homens de letras da realidade nacional, procuravam criar um mundo aparte, á imagem e similhança da cultura européia, gerando a antinomia de viverem fisicamente numa terra virgem, fisiográfica e humanamente indisciplinada, e mentalmente numa atmos-

fera de velha cultura, distante de nós no tempo e no espaço. Essa distancia entre o nosso mundo físico e o nosso mundo mental, essa falta de objetividade, essa indiferença pelos nossos problemas fundamentais, constitui a tragédia da inteligência brasileira.

Mas a tempestade não tardaria a estalar. A Semana de Arte Moderna e o episódio de legenda dos 18 de Copacabana, foram os primeiros relampagos da revolução intelectual, da revolução política, pódromos da revolução social brasileira que ainda hoje marcha não sabemos para onde... para onde...

Sob êste signo renovador concluía o meu curso secundário, e, relembrando, neste momento, aquele ambiente pretérito, aquela congregação de mestres da estatura de Raimundo Arruda, Henrique Autran, Menezes Pimentel, Martinz Aguiar, Sales Campos, Pimentel Junior, Arquias Medrado, encontro, comparticipando dêsse emérito corpo docente, um professor muito moço, ledor apaixonado de Eça e de Anatole, de palavra facil e clara qual as águas que rolam da sofralda da montanha onde nasceu.

Êste professor, sr. dr. José Valdo Ribeiro Ramos, éreis vós, e a efusão com que me acabais de dar as boas vindas, no pórtico da Casa do Barão de Studart, retrata a bondade de velho amigo, o prazer que sentimos ao encontrar um companheiro da juventude, por que nos faz recordar e portanto reviver a nossa própria juventude.

BARÃO DE STUDART

Há mais de meio século reuniram-se doze trabalhadores e puseram-se logo a levantar do chão maninho os alicerces dêste edifício dedicado ao estudo, á tradição, ao amor da terra cearense.

A gizar paredes, a riscar compartimentos, a travejar o prédio destacaram-se Paulino Nogueira, Guilherme Studart, Antônio Bezerra, Perdigão de Oliveira. Mas nenhum excedeu pelo tempo adiante a Guilherme Studart, ao Barão de Studart, como veio a ser conhecido nas letras nacionais, verdadeiro nume tutelar dêste Instituto, que cêrca de 40 anos, sózinho, por assim dizer, carregou-o nos seus braços, alimentou-o com a sua fé e o seu entusiasmo quase infinitos, engrandeceu-o com o seu trabalho, transformou-o no monumento a cuja sombra erudita e amiga se agasalha esta plêiade de pesquisadores, tendo por única preocupação o estudo do Ceará.

Studart era médico, e a sua clínica, numa cidade pequena e aparentemente de poucos doentes, afeitos por hábito e pobreza ás mezinhas domésticas, não lhe tomava o dia todo. Dispunha de tempo para empregá-lo no ensino do inglês, nos pios trabalhos vicentinos, nas enfermarias da Misericórdia, no aconchego silencioso do gabinete.

Mais persistente do que inteligênte, dotado da persistência britanica, herdada do pai, começa o seu tirocínio de historiador publicando um trabalho sôbre a família Castro, á qual se ligava pelo lado materno. Aos 33 anos de idade, o Destino bateu-lhe á porta, travestido na imagem cega da Fortuna. Viu-se, de súbito, rico, e a riqueza conquistada juntamente com dama nobilíssima, não o entonteceu, não o enfeitiçaram os seus ama-

vios, como sói suceder aos que a Fortuna surpreende numa curva do caminho. Novo roteiro tomaria a sua vida entretanto. No seu curso, ela havia alcançado êsse almejado leito onde fluiria mansamente. Deixa pouco a pouco a clínica, abandona o magistério, horas sem conta passa na encantada companhia dos livros, na suave alegria da vida lareira.

Enclausura-se para se consagrar á história do seu torrão, ministério em que teria a minudência e a pachorra de cronista monacal.

Querendo colher tudo o que se referia ao Ceará, esteve a minerar as ricas jazidas dos arquivos europeus, donde irrompem, borbulhantes e fartos, os fios dágua das nascentes do rio do nosso passado. Aonde não pôde ir, fêz copiar bolorentos cimélios, manuscritos rendados pela traça, *in-folios* patinados de velhice mais do que centenária. Á história local trouxe tão vultosa contribuição documentar, que difícil é superá-la. Descobriu-lhe os fundamentos no imo dos cartolários, dilatou-lhe os horizontes clareando escuros desvãos e recantos imersos na penumbra da dúvida.

Agigantou-se no meio dos companheiros, tornou-se a figura solar dêste sodalício, incarnou-o mesmo na sua pessoa, porque além da dedicação, da consciência com que encaminhava as suas pesquisas, os fados deram-lhe uma situação de independência material, uma existência longa e tranquila, emoldurada de honrarias, que lhe permitiram encaminhar sem tropeços o plano de levantamento das nossas origens.

Dele poder-se-ia dizer o que João Francisco Lisboa disse de Varnhagen: "Nem a todos os mortais se apraz o destino a sortear com êsse raro conjunto de felizes circunstancias".

Diga-se verdade e nisso não vai o mínimo demérito á obra de Studart e vai muito de justiça a Paulino Nogueira, a Antônio Bezerra e a Perdigão de Oliveira, foram "essas felizes cinrcunstancias" que o fizeram a celsa figura desta Casa, no campo da heurística.

Capistrano, pupila penetrante de objetivista, situou muito bem a questão do relêvo de Studart sobre os demais companheiros: "Os outros cultivam-na *(a história)* nas horas vagas; êle abandonou tudo para entregar-se a ela".

Por isso não teve rivais.

JOÃO BRÍGIDO

Por que João Brígido, um dos historiadores mais credenciados do Ceará, não pertenceu ao Instituto? A resposta não é difícil. Aparentemente o que o afastou foram as incompatibilidades pessoais, porém a verdade é bem outra.

Neste homem, uma das maiores cerebrações que já passaram no cenário político e cultural do Ceará, tão grande que impressionou as gerações contemporaneas, e depois de morto, fenômeno excepcional na nossa psicologia coletiva, ainda continuou a viver na memória do povo, neste homem havia uma extremado sentimento de liberdade, ou melhor, um exagerado individualismo, que amainava únicamente no fragor das lutas políticas, para reacender mais ardente assim que terminava a campanha. Conciênte de seu próprio valor, pouco se lhe dava o isolamento. Dono de

similhante feitio temperamental, era-lhe impossível filiar-se a qualquer grêmio, fosse literário, político ou religioso. Acabaria estourando e esfacelando tudo como uma bomba de retardamento.

Dôis caminhos abriam-se á notoriedade aos homens do Império: o Parlamento e a Imprensa. Nesta João Brígido construiu a sua glória. O pendão do seu baluarte jornalístico não caiu com o regime, manteve-se invicto, drapejando ao vento, por três décadas do período republicano. Na diuturna refrega não foi vencido pelos homens. A natureza feriu-o nos olhos, cegando-o. O seu crepúsculo recorda uma tragédia esquiliana.

Foi visceralmente jornalista partidário, jornalista do clã político, para quem o correligionário tinha a pureza das águas alpestres e o oponente não passava de rebotalho moral. Se a sua pena cortou muita carne infeccionada, quebrou muito osso cariado, ergueu barreiras á prepotência, também muito insultou e vilipendiou.

O jornal espelhava nitidamente o ambiente da época. Fanal de um partido político, sem princípios a defender, a luta partidária circunscrevia-se a indivíduos, envolvendo a parentela consangüínea e a afetiva. A guerra total ao adversário era a ética da imprensa, reflexo do ódio partidário, que é o fundamento da política sul-americana, na fina observação de Garcia Calderon.

Ao lado desse ódio, há entre nós uma doença epidêmica, de fundo neuronial, caracterizada por uma fome permanente de reputações, uma espécie de volúpia em atássalhar a vida alheia, uma insopitável sofreguidão em rebaixar os vultos que se alteiam na planície. Não analisarei as causas desta anormalidade psíquica, desta fonte perene de desarmonia, registro-a apenas, para evidenciar a simpatia e a ressonância que encontrava a pena demolidora de João Brígido. Daí porque, de seu agitado labor de meio século, só permaneceram os gilvazes, as facécias, as mofinas com que ferretoava e pungia os desafetos. A sua atuação de jornalista seguro e terso, de estudioso dos nossos problemas, de profundo conhecedor do *habitat* da Terra das Sêcas, a bater-se pela construção dos grandes açudes, apontando em primeira mão os boqueirões para as barragens ciclópicas, mereceu do público muito menos atenção do que as suas diatribes. Entre o foliculário e o doutrinador, o povo preferiu o foliculário. Simples questão de gôsto... de patologia social, diria.

Cêdo abrolhou em João Brígido o gôsto pela história regional, pela crônica de sabor municipal, pelos homens que fizeram a história dos primitivos núcleos e pelos seus descendentes, no meio dos quais vivia e frequentemente os mogoava, na sua vaidade íntima, rememorando feitos pouco edificantes de seus avoengos.

Êste estudo, simples na aparência, é estrada de acêsso tortuoso, esgalhando-se a cada momento, perdendo-se no horizonte distante dos nossos primeiros dias. Ao percorrê-la, parando aqui e ali, ouviu de velhos moradores o que a tradição conservara do amanhecer dos sítios onde repousava, acompanhou, nas atas dos senados das camaras, os primeiros passos da administração; descobriu as raízes das árvores genealógicas enterradas nas sacristias; aspirou o pó dos autos, das devassas e dos inventários que dormem nos esquecidos cartórios do interior. E dessa sua longa viagem nos trouxe movimentada paisagem da vida pública e da vida íntima do Ceará colonial e imperial. Surgiu um historiador que não era

um simples cronologista, um relator de atos administrativos um biógrafo de homens ilustres.

Pela primeira vez, trazido pela sua mão, aparece o homem na história cearense. O que merece o nome de História é a biografia de todos os homens de uma comunidade, grandes e pequenos, a influenciarem-se mutuamente. Querer reduzí-la á vida dos heróis, ao conjunto de normas governamentais, aos momentos de vitória ou de tragédia, é desvirtuá-la, é não levar em linha de conta a valiosa colaboração dos elementos quantitativos nos fenômenos de ordem social.

Intuição surpreendente, aliada a invejavel dom de síntese, que em poucos traços fixava um caráter, um quadro psicológico, João Brígido não se esqueceu dêsses elementos, ressuscitou-os, fê-los viver, pintou-nos como eram: *bons, burros* e *bravos.*

> "Porque eram mui hospitaleiros, generosos, agradecidos, leais, verdadeiros e altruístas, ao mesmo tempo que mui cabeçudos ou teimosos, possantes, cheios de caprichos, e invencíveis nas suas manhas; no meio de tudo, valentes contra os homens e contra a natureza, para afrontarem toda sorte de perigos, ainda os menos precisos".

Lendo os seus livros, reconstituimos a vaqueirice povoadora dos sertões, que ao compasso lento do aboio levava os gados ás feiras pernambucanas, baianas e mineiras e ás xarqueadas litoraneas; conversamos á tarde, nas calçadas do lado da sombra, com os orgulhosos e ricos comerciantes reinóis de Aracati e do Icó; ouvimos o rechinar de centenas de carros de bois e o estalar dos chicotes dos comboeiros; presenciamos as sanguissedentas lutas de família; acompanhamos, nas correições, os capitães-móres e os ouvidores; sabemos do procedimento dos clérigos; do valor das utilidades; votamos nas eleições; participamos das lutas políticas e, finalmente, penetrando a casa dos nossos avós, da sala á cozinha, através do penumbroso corredor, onde se abrem as portas das escuras camarinhas, vamos conhecer a mobília, o vestuário, a mesa, como se divertiam, seviciavam e amavam, como se tratavam, morriam e eram conduzidos ao campo santo.

Nada disso é despiciendo, pelo contrário, constitui a trama vascular da nossa vida, a rêde nervosa das nossas tradições,

> "porque a história pátria — no sizudo dizer de Herculano — é como uma destas conversações de ao pé do lar em que a família, quando se acha só, recorda as memórias do pai e mãe que já não são, de antepassados e parentes que mal conheceu. Mais saboroso pasto de espirito que êsse não há talvez, porque em tais lembranças alarga-se o ambito dos nossos afetos; com elas povoamos a casa de mais entes para amarmos; explicamos pelos caracteres e inclinações dos mortos, os caracteres e inclinações dos que vivem; os hábitos atuais pelos hábitos e costumes dos nossos velhos".

Poderão os amantes de miudezas, os microscopistas incapazes de vi-

sões panoramicas, encontrarem em João Brígido senões de datas e de nomes. Isso tem muito pouca importancia, não desmerece absolutamente o valor da sua obra histórica, que dia a dia se avantaja á de jornalista e nos anais da cultura cearense há de figurar destacadamente como os fundamentos da nossa história social.

FORTALEZA NO FIM DO IMPÉRIO

No remoto 1887, milênio da fundação do Instituto, Fortaleza não passava de uma cidadezinha de 27.000 habitantes, quase toda lastreada de areia, e na sua simplicidade encantara Graça Aranha de tal maneira que, muitos anos depois, em *O Meu Próprio Romance*, o admirável estilista numa página reçumante de saudade e colorido, evocaria o painel entrevisto na sua radiosa adolescência, quando do Maranhão se encaminhava á Faculdade do Recife:

> "No terceiro dia, a areia da costa se tornou mais alva, as praias de areia mais descampadas, morros de areia branca e sôbre elas o sol brilhante. As águas se transmudaram de azul em verde, as jangadas apareceram veleiras, destemidas, tudo brincando no espaço alegre e luminoso. Era o Ceará. O balanço do vapor afrouxara e foi do tombadilho que eu assisti á chegada na entrada de Fortaleza. Ainda o vapor não parara, já uma infinidade de jangadas o cercaram e as mais ousadas se agarravam ao seu costado. Apreciei o aspecto dos jangadeiros da mesma raça, que eu vira no Maranhão, nos retirantes cearenses. Apreciei a sua linguagem cantada, as suas exclamações, as suas pragas, as suas injúrias. A bordo, o reboliço era enorme, um desafogo em todos os semblantes libertos do enjôo. Os jangadeiros solicitavam passageiros para terra, vendiam pássaros, graúnas, corrupiões, macacos, sauins, vendiam côcos, rapaduras, bolos de milho, tudo ostentando uma fartura incrível na terra da sêca e da desolação. Não tardei, com alguns estudantes, a tomar uma jangada para ir para terra... Não havia cais; o desembarque era na areia da praia. O transporte na jangada era um encanto. A leve e frágil embarcação de vela aberta e cheia de vento, vinha no dorso das vagas, fagueira e veloz. Nós exultávamos, dominadores daquele mar verde, mar de praia, mas sempre mar livre, sem porto. Ao aproximarmos de terra, uma chusma de homens de ceroula e camisa avança para nos arrancar da jangada. No atropêlo, os jangadeiros esqueceram de tirar a bolina que arrastando na areia, fez virar a delicada embarcação e nós, bumba nágua! A gente de terra nos socorre, nos carrega e nos deposita na areia, molhados. Assim atravessamos o jardim que leva á cidade e no alto entramos num hotel, onde o nosso primeiro cuidado foi fazer secar as roupas. Essa primeira chegada ao Ceará ficou inesquecível e nas outras vêzes que ali aportei, tomava todas as

> precauções e vigiava os jangadeiros descuidados. Felizmente o vapor dormiu no porto e as nossas roupas secaram e pudemos passear pela cidade. Aquele casario miúdo, branco, me separava dos casarões coloniais do Maranhão. As calçadas cheias de famílias sentadas a tomar o fresco da tarde, o tom plebeu, democrático, da cidade tão diferente do Maranhão,. a raça cabocla dominando a negra, o sol ardente, os areais brancos, os coqueiros, os cômoros, tudo me dava a impressão de haver aportado na costa marroquina, sem a arte mulçumana, terra pobre, deserta, de beduínos e ciganos. Á noite, no Passeio Público, nesse jardim crestado, que me recebeu pela manhã, a banda de música a tocar, as cearezinhas sem chapéus, risonhas, atiradas, tão diferentes das maranhezinhas sizudas e pretenciosas, desfilavam joviais para nós e tudo me parecia novo, estranho, encantador. Foi o primeiro contacto com uma cidade diferente da minha velha terra. Que delícia e que perspectiva para o meu espírito curioso me abria o mundo!"

Se Fortaleza, na sua feição material, era, no-la escreve o cinzelador de *Canaan,* simples e plebéia, que seria intelectualmente?

Ainda mais simples e mais plebéia.

Alguns bacharéis, padres, médicos e meia duzia de autodidatas estrelavam o céu intelectual da Província.

Existiam dois centros de estudos superiores: o Seminário e a Escola Militar. Aquele, modelando os pastores da igreja, por intermédio de padres estrangeiros que desconheciam a nossa terra e a nossa gente. Esta, povoada de uma mocidade vinda de todos os estados, bulhenta e politiqueira, valsista e seresteira, indo ás aulas por desfastio e cantando a Marselhesa nas solenidades cívicas.

Terra pobre, de vida áspera, os intelectuais de ontem a exemplo dos de hoje, não encontravam a abastança e o lazer indispensáveis á formação da cultura. Não passavam de improvisadores, e raros os talentosos, medíocres quase todos, tão inexpressivos que lhes recompor a obra é hoje mais um trabalho de paleontologia do que de história literária.

Pontificavam ciência dois ou três assinantes da *Revue Scientifique.*

Pompeu Filho e mormente Joaquim Catunda, arejados na filosofia alemã e na crítica britanica, destoavam do ambiente pela largueza e profundidade dos conhecimentos.

Podemos afirmar, que na longura do período imperial, só há um momento de pura intelectualidade no Ceará, é quando aquêle rapaz de 18 anos, aquêle cérebro extraordinário, aquela eleita personalidade que foi Rocha Lima, conclama e reúne a roda de si, entre outros, Capistrano de Abreu, Pompeu Filho, Araripe Júnior, e, muito alto, agudissimamente, faz clarinar a tuba que começa a aluir os muros de taipa da nossa aldeia literária coetanea. Infelizmente o novo evangelho teve a fulgência e a duração de uma estrela cadente. Poucas as retinas que se impressionaram naquela fração de minuto ante o esplendor ofuscante das novas idéias. Houve temor e escandalo em torno do arrôjo daqueles moços.

A nossa atmosfera intelectual, nem clássica e nem romantica, não se deixava varar facilmente por outras lampadas. A tempestade desenca-

deada por Tobias Barreto, na velha Faculdade do Recife, então a matriz da nosso cultura social e jurídica, não repercutiu no Ceará.

Surgindo nesse meio, o Instituto tinha de ser o que são as associações análogas: conservador, infenso aos arrebiques passageiros da moda, tradicional ás suas regras, alto e quieto refúgio, inacessível ás paixões, onde os horizontes se alargam para todos os quadrantes, permitindo perspectivas claras e amplas.

Os seus fundadores eram conservadores, ortodoxos e maiores de 30 anos. Só Joaquim Catunda, o mais velho deles, era agnóstico e republicano. Tiveram a inteligência ou o egoísmo, não sei bem, de fazê-lo com um quadro social reduzido, o que lhe deu coesão, unidade, prestigio consequentemente.

Fiéis â tradição, durante 44 anos não aumentaram o número de sócios, souberam resistir ás frequentes investidas ás suas muralhas, iluminadas pelas almenaras que ardiam nos seus doze bastiões. Mas em 1931 cederam enfim. Acresceram a sua guarnição de mais seis companheiros, todos de comprovada mestria no manejo de armas especializadas: Martinz Aguiar, Leonardo Mota, José Carvalho, Soares Bulcão, Livino Carvalho e Guilherme de Souza Pinto, o fundador da cadeira n.° 17, ocupada depois por Plácido Castelo, a quem sucedo, por haver este ilustre homem de letras passado á classe de sócio correspondente, dada a transferência do seu domicílio para fora deste Estado.

A ESTATÍSTICA CEARENSE E SOUZA PINTO

Foram os trabalhos de estatística que abriram a Souza Pinto as portas do Instituto.

A Estatística, reduzindo a multiplicidade dos fenômenos naturais e humanos a índices numéricos, no seu conceito empíricos, é tão velha quanto o mundo, mas na sua matematização, é recente. Avassalou tudo. Nada escapa á sua ação interpretativa, que na concretizçaão sintética das curvas, dá-nos a extensão precisa da variabilidade.

A função estatística pretérita reduzia-se á coleta de dados, não ultrapassava os limites de uma interpretação primária, de ordem aritmética. arte simplesmente. Arquitetava visões parciais. A análise e a síntese totais vieram com as matemáticas superiores, então a Estatística passou a ser uma ciência.

Souza Pinto e naturalmente os seus predecessores filiaram-se ao primeiro grupo. Eram simplesmente coletores.

A João Ribeiro Dantas devemos o primeiro arrolamento populacional feito no Ceará. Para isso, o capitão das milícias do Aquiraz deixa o sossêgo das suas plantações de cana e mandioca; a vigilancia dos seus rebanhos, e durante três anos, de 1746 a 1749, percorre 648 léguas de costas e sertões, a computar os lares que tentavam enraizar-se nesta terra de sol e de dor. Tem-se por perdido o trabalho desse esquecido epígono da estatística cearense. Mais tarde, Borges da Fonsêca, o genealogista do Nordeste, que por aqui penou largos anos, no exercício de capitão-mór,

sendo injustamente acusado de contrabandista, arrola as vilas, freguezias, capelas, fazendas, fogos e pessoas distribuídos nas ribeiras do Ceará, Açaraú, Jaguaribe e Icó.

No fim do período colonial há os cômputos levantados por Barba Alardo e Manuel Inácio de Sampaio. Barba Alardo, além de recensear os habitantes das freguezias, reuniu interessantes informes sôbre os primórdios da navegação e comércio exteriores. Manuel Inácio de Sampaio, enérgico, infundindo respeitoso temor aos seus governados, levantou um quadro da população, no seu parecer, próximo da realidade, apesar dos vigários esconderem a população real das suas freguezias e da dificuldade de apurar os que moravam no âmago dos imensos matos e dos muitos que não tinham pouso certo.

Daí por diante nada mais se consegue, até que na administração de Vicente Pires da Mota, a 14 de setembro de 1855, celebra-se com Tomaz Pompeu de Souza Brasil, futuro senador, um contrato pelo qual se obrigava êste eminente estudioso a organizar a estatística da Província. Nove anos depois, Pompeu entregava ao govêrno o *Ensaio Estatístico da Província do Ceará*, verdadeiro inventário geográfico, econômico, administrativo, eclesiástico e histórico que ainda não encontrou similar.

Êste trabalho, monumental para a época, além do acervo numérico que encerra, deu as linhas mestras da nossa geografia e cronologia. Vem sendo mais ou menos copiado e á sua sombra alimentaram-se reputações de geógrafos e historiadores.

Segue-se a Pompeu, cinquenta anos depois, Souza Pinto, o verdadeiro organizador da estatística entre nós.

À frente da Secretaria da Junta Comercial e depois da Diretoria Geral de Estatística, Souza Pinto trabalhou praticamente só, desajudado, incompreendido de todos, mas o entranhado espírito público que possuía, a sua férrea fôrça de vontade, leva-o á construção de uma obra que hoje assombra a quem se abalança a consultar os 13 volumes do *Anuário Estatístico do Ceará*, onde estão enfeixadas, á espera da análise interpretativa, as expressões numéricas de nossa vida no correr dos anos de 1916 a 1930. Não se limitou a isso somente. Fez ainda mais. Frequentou a imprensa, proferiu conferências, escreveu monografias, compareceu a exposições, louvando por toda parte o que era cearense.

Apaixonadamente enamorado pelo seu ofício, quasi maníaco mesmo, vivendo dele e para êle, carreou uma massa assombrosa de informes, agora obtida por dezenas de pessoas.

Conheci Souza Pinto de perto, lecionamos juntos na Escola de Agronomia, e, nas palestras diárias, antes ou depois das aulas, vi, com espanto meu, que tinha tanto de trabalhador quanto de vaidoso.

Essa vaidade não era só intelectual, extendia-se tambem á sua pessoa física.

Um tanto escoliótico, esforçava-se em manter uma atitude perfeitamente vertical, o que lhe quebrava a naturalidade. Esmerado no vestuário, empertigado á força, com o maior anel de bacharel que já vi, espetado no indicador sempre insolente da mão direita, com aquêles grandes olhos redondos, salientes, entre pálpebras empapuçadas, agastadiço ao extremo, Souza Pinto não admitia o mais leve reparo a respeito das suas estatísticas. Para êle, tinham precisão absoluta. Ai daquele que duvidasse

disso! O seu gênio brigão criou-lhe desafetos e não passou despercebido da irreverência das ruas.

A sua vaidade era tal, que nos últimos anos, tendo ficado calvo, não tirava o retrato se não fosse de chapéu. Souza Pinto seria capaz de usar uma cabeleira suposta, como Garret usava barrigas de perna postiças.

Anotando essa feição psicológica, o faço como elemento esclarecedor da sua personalidade, porque ela em parte é responsável pelo volume do seu trabalho de estatístico, setor no qual ambicionava ocupar o primeiro lugar no Norte do país e parece-me que o ocupou de fato.

Vinte e cinco anos de nossa vida econômica, social, cultural estão registados nos seus *Anuários* e ninguem poderá traçar o retrato desse período sem consultá-los.

Quantos de seus contemporaneos, homens de letras que o olharam displicentemente, criticaram-no ás vezes, não deram nenhuma importancia, áquela tarefa silenciosa de colecionar números e mais números, serão lidos e consultados amanhã?

Poucos, muito poucos, escaparão ao olvido total. Não sou pessimista, mas não sou visionário, e o que diariamente estou a ver e os senhores também vêem, é que por aqui, na Terra da Luz, o fruto do labor intelectual persiste, quando muito, enquanto persiste o autor. Quantas e quantas vezes o fruto amadurece sem despertar a atenção dos que passam pela estrada, é levado de roldão pelo vento do esquecimento, e a arvore que o produziu continua á beira do caminho, víride e frondejante.

NOVOS CAMINHOS

As convulsões que estão sacudindo o orbe, a partir do terremoto da primeira Guerra Mundial e cujos abalos se fizeram sentir, pela primeira vez, no Brasil, no ano do centênio da Independência, rasgaram os olhos das gerações que se formaram ou estão se formando sob a influência deste clima de renovação, diria melhor, de revolução.

Elas perceberam que deveriam pensar brasileiramente, isto é, procurar soluções brasileiras para os problemas brasileiros; que deveriam abandonar as ficções jurídicas, politicas e econômicas que adubaram o verbalismo litoraneo e bacharelesco do Império e da República, por soluções vivas, á luz da nossa realidade física e social; que deveriam nacionalizar a arte e a literatura, porque assim a inteligência cumpriria o seu dever para com a Pátria e dentro da sua originalidade se imporia ao mundo.

Êste espírito objetivo abriu um vale profundo, de taludes íngremes, entre a madureza de ontem e a florescência de hoje. Mas os vales cavados pela fôrça erosiva das águas, ligam, as suas escarpas, de quando em quando, por grandes pontes naturais e o mesmo pode acontecer se as idéias separam os homens de cabelos pretos e os homens de cabelos brancos. Ás vezes há uma ponte ligando estas duas estações da vida.

A ponte, neste caso é a chama sagrada de brasilidade, que vós, senhores do Instituto do Ceará, a exemplo de outros irmãos vossos, segregados em redutos semelhantes a êste, mantivestes acesa fosse qual

fosse o vento que soprasse. Foi aqui que o tradicionalismo e o regionalismo, argamassas do patriotismo, encontraram a ara do seu altar.

CONCLUSÃO

Senhores do Instituto do Ceará:

Devoto humilde e obscuro do regionalismo nordestino, e duplamente cearense, porque nasci no Acre, conquistado á Selva e aos rifles estrangeiros pelo braço e pelo sangue dos vossos pais e dos vossos irmãos, pelo meu Pai e pela minha Mãe, bato ás portas desta Casa, para colaborar convosco, convicto de que na vossa companhia encontrarei a mais alta expressão das velhas tradições cearenses: trabalho, bravura, persistência, honradez e hospitalidade.